

REVISTA MENSAL

# RN / ECONÔMICO

ANO XIII — N.º 136 — OUTUBRO/82 — CR\$ 250,00

**CHEGOU A HORA DAS**

# URUBIAS



FLAVIO AMERICO NOGUEIRA

**GOVERN**

413



Da Gentil Ferreira saem as passeatas tanto de Agripino...

## POLÍTICA

# Campanha chega ao fim. Agora a decisão é mesmo na boca da urna



As mobilizações constantes

Se é impossível precisar quem ganhou o confronto de passeatas entre PDS e PMDB no dia 16 de outubro — o Partido do Governo com a sua mobilização em Natal e o da Oposição com a Marcha de São Gonçalo — é perfeitamente possível, a essa altura da campanha eleitoral, estabelecer a sua linha básica. Ou seja: na disputa pelos votos, o PDS tem demonstrado mais capacidade de organização e demonstra possuir uma estrutura mais harmoniosa de funcionamento, mesmo com as divergências ocasionais; e o PMDB — talvez por culpa de uma inesperada carência financeira — comporta-se de maneira inversa no seu comando, incorrendo até mesmo em hesitações táticas e mostrando-se lerdo em certos momentos críticos.

Mesmo sem contar com a mensagem mais fácil da Oposição, o Partido

governista, por ocasião das grandes mobilizações, comporta-se menos marcialmente. Um jornalista que tem acompanhado de perto a campanha diz que em algumas ocasiões chega-se a pensar que “o PDS é a Oposição”. Já o PMDB — e isso foi reconhecido numa reunião de avaliação crítica da cúpula do Partido — tem cometido equívocos no direcionamento da sua mensagem. Esses equívocos, porém, são razoavelmente corrigidos sempre à última hora, as vezes na improvisação mas, na maior parte, graças a atitudes pessoais do próprio candidato ao Governo, Aluízio Alves.

### OS NÚMEROS IMPOSSÍVEIS —

Na chamada última fase da campanha em Natal os dois principais disputantes das eleições têm se esforçado para convencer pelos números.

# Este é o momento das decisões



**NOVO OU USADO, BASTA ESCOLHER A MARCA. DEPOIS VENHA BUSCAR O SEU CARRO**



Peças e equipamentos para o seu carro você encontra em  
DUAUTO EQUIPADORA — PEÇAS E ACCESSÓRIOS  
Pneus Good Year para todos os tipos de veículos procure em  
DUAUTO PNEUS

**DUAUTO VEÍCULOS LTDA.**

**O salão nobre do automóvel.**

Presidente Bandeira, 1240 Lagoa Seca.

# ÍNDICE



## CIDADE

Campanha chega ao fim. Agora a decisão é na boca das urnas	12
Lei fácil de driblar	13
Pertinho da decisão, os dois partidos dão tudo	14
Um bom teste para jovens	17
É bom saber os detalhes da legislação eleitoral	18
Vicente Cabral acredita que pode ser a zebra	20
O peso dos pequenos	21
Recessão foi tema para a reunião de empresários	24
As casas vão surgindo e os problemas também	28
Como cresce uma empresa	30
O mistério das contas	31
"Quem é Quem" dá bom lugar no RN	32
Automóvel usado: vendas caem	33
RN é quem paga menos impostos	34
Cada vez mais caro educar	38
Professores voltam a usar o poder de pressão	40
Um fim de ano muito difícil	41
Em 17 anos a Sudene se reuniu no RN cinco vezes	42
Apesar da crise, o preço do tijolo disparou	43
Pádua: um técnico sob cerco	46
Fernando Bezerra: compreensão da conjuntura	48

## ESTADO

Mossoró às voltas com a água	55
------------------------------	----

## ARTIGOS

Manoel Barbosa	7
Dorian Jorge Freire	22
Cortez Pereira	35
Rosemilton Silva	58

## SEÇÕES

Homens & Empresas	4
-------------------	---

## HUMOR

Cláudio	56
---------	----

**ESPECIAL**



## Crise faz ano de 11 meses

A crise — ou recessão — é a palavra de ordem no mundo empresarial. Talvez mais do que política, a crise/recessão movimentou os empresários. Explica-se: se, para os partidos e, de um certo modo, o Governo, a eleição tem importância altamente estratégica, para os empresários a conjuntura econômica vai muito mais além. Seja quem for o vencedor das próximas eleições, o quadro não mudará. A recessão econômica é mundial, atinge tanto o sistema capitalista, como o socialista. E o mundo que está em crise, às voltas com tremendas dificuldades. Sabedores disso, os

empresários entendem que, após novembro — e talvez até antes — vai haver um conjunto de medidas muito mais duras do que as tomadas até aqui. Tem sido comum dizer-se nos meios empresariais que 1983 vai começar em novembro, o que não é um simples jogo de palavras e muito menos exagero. Os empresários de todo o País que estiveram reunidos em Natal na posse do empresário Fernando Bezerra em mais um mandato na presidência da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte discutiram isso tudo. (Pág. 24).

## RN/ECONÔMICO

REVISTA MENSAL • ANO XIII • N.º 136 • OUTUBRO/82 • CR\$ 250,00

### DIREÇÃO

DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira  
DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira

### REDAÇÃO

DIRETOR DE REDAÇÃO: Manoel Barbosa

### ARTE E PRODUÇÃO

CHEFE: Euryly Moraes da Nóbrega

PROGRAMAÇÃO VISUAL: Moacir de Oliveira  
DIAGRAMAÇÃO: Sônia Santos  
FOTOCOMPOSIÇÃO: Antônio José D. Barbatho

### DEPARTAMENTO COMERCIAL

GERENTE COMERCIAL: Paulo de Souza  
GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emídio da Silva

RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em

assuntos sócio-econômicos do Rio Grande do Norte é de propriedade de RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC n.º 08.286.320/0001-61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Telefone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 250,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 3.000,00. Preço do número atrasado Cr\$ 500,00.



## MANUFATURA BEATRIZ INAUGURA EM 83

— A Manufatura de Porcelana Beatriz, localizada no Pólo Cerâmico do Estado, até fevereiro de 1983, inaugurará a sua primeira unidade fabril, pelo menos é o que garantiram seus diretores, Alberto Benahyon e Éric Netzech na última visita que fizeram ao canteiro de obras da empresa, acompanhados pelo Governador do Estado, Lavoisier Maia, do Secretário de Indústria e Comércio, Jorge Ivan Cascudo Rodrigues, como também de todos os participantes do 268.º encontro da Sudene, ocorrido recentemente e Mossoró. A inauguração da Manufatura Beatriz marca também a inauguração do Pólo Cerâmico do Rio Grande do Norte.

★ ★ ★ ★ ★

**SIC E CDI NO CENTRO ADMINISTRATIVO** — Na última semana de outubro próximo passado, a Secretaria de In-

dústria e Comércio e sua vinculada, a Companhia de Desenvolvimento Industrial — CDI se mudaram para o Centro Administrativo do Estado e ocupam o bloco que se projeta para a BR-101. Todo o primeiro pavimento do edifício ficou para a Secretaria, enquanto o pavimento superior está sendo ocupado pela CDI. Nenhuma delas leva seus antigos telefones, pois a central do Centro Administrativo é 231, mas, conforme adiantou o Secretário Jorge Ivan, ainda esta semana a Telern providenciará telefones para as suas repartições.

★ ★ ★ ★ ★

**APOIO PARA OS SULFATOS** — Em seu pronunciamento na 268.ª reunião do Conselho Deliberativo da Sudene, ocorrido em Mossoró no mês passado, o Governador Lavoisier Maia pediu apoio para os Projetos dos Sulfatos — o Magnésio Metálico e a metalurgia do Tungstênio. O Superintendente Walfrido Salmito comprometeu-se em colaborar com a reivindicação do chefe do Executivo potiguar.

★ ★ ★ ★ ★

**CERNA LANÇA PEDRA FUNDAMENTAL** — No dia 26 próximo passado, a Cervejaria Nordeste S/A — CERNA, lançou sua pedra fundamental no Distrito Industrial de Natal. O tempo de implantação da empresa é previsto para 36 meses, mas será abreviado para dois anos.

★ ★ ★ ★ ★

## BANCO DA PARAÍBA VEM PARA NATAL

— Mais uma organização bancária se interessa pela praça de Natal: vem aí o Banco do Estado da Paraíba, a se instalar bem no Centro da Cidade, em local já definido, embora não anunciado. O Banco da Paraíba inaugurará ainda este mês, coincidindo com a inauguração do Banco do Estado do Ceará, se instalando na Avenida Rio Branco.

★ ★ ★ ★ ★

## NOVO EQUIPAMENTO

— O Centro de Medicina Nuclear em Diagnóstico Ltda, já recebeu o seu ULTRA-SONÓGRAFO TOSHIBA, o que representou um investimento de Cr\$ 10 milhões, segundo informam seus diretores Pedro de Alcântara Farias e José Augusto Costa Neto. O novo equipamento será operado pelo Dr. Roberto Levi Jales, componente da equipe especializada daquele Centro, que vai atender a casos de urgência, contactados por telefone, também em dias não úteis da semana.

★ ★ ★ ★ ★

## MUDANÇAS NA RIONORTE

— Passando a integrar o sistema financeiro Bandern, a Rionorte — Companhia Norteriograndense de Crédito, Financiamento e Investimento S/A, muda de razão social e passa a se chamar Bandern — Crédito, Financiamento e Investimento S/A. A nova empresa inaugura daqui a trinta dias mudando também de endereço, quando se instalará à rua

Princesa Isabel, 487, local onde funcionou a tradicional firma cerâmica, R. Freire Indústria e Comércio.

★ ★ ★ ★ ★

## MUITO CURTA A REUNIÃO DA SUDENE

— A última reunião da Sudene, ocorrida em Mossoró no dia 29 de outubro passado foi a mais curta já havida no Rio Grande do Norte. A reunião não durou mais de duas horas. Normalmente as reuniões da Sudene ultrapassam as três horas de duração. Conclusão: haviam poucos projetos para analisar em prol do Rio Grande do Norte.

★ ★ ★ ★ ★

## SUCESSO NA FESTA DO BOI

— Mesmo os mais antigos críticos da Festa do Boi, como promoção visando estimular negócios na área dos pecuaristas, não puderam negar que a deste ano foi uma das maiores mostras que já se realizou no Estado, mesmo com o desconto da estiagem e do aperto no crédito. A predominância foi de criadores de Pernambuco.

★ ★ ★ ★ ★

## NOVA SEGURADORA

— Natal acaba de ganhar mais uma companhia de seguros. Dessa vez é a Companhia de Seguros Cruzeiro do Sul que inaugurou sua Sucursal dia 29/10.

O grande prestígio e sua reputação estão mostrados no representativo número de segurados que já conta. São

# HOMENS & EMPRESAS



300 empresas comerciais da praça local, entre elas os Supermercados Mini-preço, o Nordestão, Divemo, Guararapes, Indústria Têxtil Seridó, Empresa Nossa Senhora Aparecida, Viação Nordeste, Construtora Eco-cil, Norte Brasil, Empresa Barros, entre outras, que se seguraram com todos os tipos de seguros, inclusive Lucros Cessantes, Seguros de Vida, de Automóveis, etc.

O gerente geral, Carlos Rosas, anuncia um seguro que é coisa nova na praça, é o Seguro Turista, novidade também em todo o Brasil. Natal está sendo uma das cidades pioneiras neste tipo novo, que dá aos turistas as mais diversas modalidades de garantias.

À solenidade de inauguração de sua sede nova, à Av. Deodoro, n.º 802, compareceram seus diretores, vindos espe-

cialmente de São Paulo, onde a Cia. tem sua sede. São Warley Pimentel, diretor-superintendente, Ademar Neves, coordenador nacional de marketing, o gerente geral de Pernambuco, Miguel Peregrino, Cilo Feijó, gerente comercial de Recife, Eurico Uchoa, gerente de Alagoas e Carlos Barreto, diretor da Corretora de Seguros do Governo do Estado de Sergipe, além de autoridades locais, comercian-

tes e empresários.

★ ★ ★ ★ ★

**SISTEMA LANÇA NOVO CARTÃO DE CRÉDITO** — O método de cartão de crédito da Sistema S/A Processamento de Dados tem a capacidade de controlar simultaneamente até três modalidades de Planos de Venda. Algumas empresas de Natal já se estão utilizando do novo modelo com grande sucesso, segundo informações prestadas a RN/ECONÔMICO.

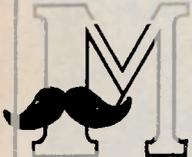
★ ★ ★ ★ ★

**ASSOCIAÇÃO COMERCIAL COMUNICA** — A Associação Comercial acaba de fazer novos melhoramentos em sua sede no Palácio do Comércio, à av. Duque de Caxias. O Presidente Airton Costa comunica a conclusão de uma área especial para executivos com serviços de bar e atendimento personalizado. A mais tradicional Associação de classe.



# COMÉRCIO & SERVIÇO

**MUSTACHE**  
Cabeleiros  
Cortes • Massagens  
Alisamento • Limpeza de  
Pele • Trat. Anti-Caspa  
Manicure • Engraxate



**MUSTACHE  
CABELEIREIROS**

Galeria do Edif. Barão do Rio Branco,  
Loja 4 • Fone: 222-6571 • Natal-RN.

**TURISMO  
AEROTUR** TURISMO  
AEROTUR  
Natal-RN

Viagens personalizadas, nacionais  
e internacionais  
Agência especializada em serviços  
internacionais  
• Carga aérea internacional  
• Filiada à EMBRATUR e I.A.T.A.

Rua Apodi, 583 - Tels.: 222-6128/3569/2974

**ASSISTÊNCIA  
TÉCNICA**

**IBM**  
**OLIVETTE**  
**PROLOGICA**  
**MAQVETTI**



Rua General Osório, 222 — Tel.: 222-5343  
Natal-RN



Distribuidor  
dos famosos  
chocolates

*Copenhagen*

Matriz: Rua Prudente de Moraes, 619

Tel.: 222-3318

Filial: CCAB — Loja 6 — Fone: 222-483

Natal-RN

**FOTOGRAFIAS**  
Revelação a cores

Reproduções Reportagens  
Slids sociais  
Publicidade Stúdio  
Modas Fotografia aérea  
Convites 3 x 4 em 1 minuto

**Photos**

Av. Prudente de Moraes, 1107 — Tirol  
Tel.: 222-1340 — Natal-RN  
ESTACIONAMENTO PRÓPRIO

**LAVE O CARRO  
EM 8 MINUTOS**

**POSTO 1003**

Av. Bernardo Vieira, 1455 — Tel.: 231-2562

- Esquadrias de alumínio;
- Box para banheiro em alumínio fosco ou brilhante;
- Assistência técnica permanente.

**METALURGICA  
UNIAO LTDA.**

R. Alexandrino de Alencar, 660 — Tel.: 223-3404  
Av. Hermes da Fonseca, 614 — Tel.: 222-7470



**IRRIGAÇÃO COM  
QUEM ENTENDE**

E quem entende do assunto, em todo o Estado, é mesmo a Agromáquinas, que dispõe de uma equipe técnica capacitada para elaborar projetos de irrigação industrial e comercial com total garantia. A Agromáquinas comercializa também produtos veterinários e material agrícola em geral.

**AGROMÁQUINAS** Rua Presidente Bandeira, 853 - Alecrim  
Tel. 223-1028 Telex 0842364 - 223-1340

O NORDESTE PRECISA PROGREDIR

**AUTO  
LOCADORA**

**D U D U**

Alugue um carro novo  
com ou sem motorista

• Av. Rio Branco - 420 - Centro  
• Box Aeroporto Internacional  
Augusto Severo  
Fones: 222-4144/222-0501  
223-1106/272-2446 - Natal-RN

# DESTINO DAS PESQUISAS

MANOEL BARBOSA

As eleições de 15 de novembro vão decidir também a sorte do Gallup. Tanto — e talvez até mais — quanto os candidatos envolvidos no processo eleitoral o presidente do Gallup está vendo o próximo resultado das eleições brasileiras como uma questão de vida e morte. A explicação é simples: quem mais está se arriscando no País, neste momento, depois da sorte política de muitos candidatos e do próprio destino do regime democrático brasileiro, é uma instituição chamada “pesquisa”. Das duas uma: ou o resultado das urnas mostrará que realmente vale a pena investir dinheiro em pesquisa de opinião no País — sobretudo através do Gallup — ou tudo não passa de um modismo sem a menor utilidade, quando se trata de questões intrincadas como é a da sondagem pré-eleitoral.

Não haverá meio termo. Os institutos de pesquisas se comprometeram demais. Tudo, em termos de eleições, o que se está fazendo no País, agora, parte de indicadores revelados pelas pesquisas. E, em primeiro plano, as pesquisas do Gallup.

A opinião pública, que estava acostumada a acompanhar esse tipo de sondagem pré-eleitoral em países mais adiantados, através do noticiário dos jornais, de repente se viu envolvida também no curioso jogo das projeções. À falta de maiores indicadores e, provavelmente, porque uma boa parte do eleitorado não está acostumada, ainda, a eleições diretas — por falta de prática — todos acompanham os índices com inusitada emoção. Um ponto a mais é como um gol marcado numa partida de futebol — gol certo, não anulável. Só o adversário é que procura desmerecer o gol, exatamente, também, como em partidas de futebol, insinuando que o juiz não deu o impedimento e que o lance final desenrolou-se em plena ilegalidade sob às vistas grossas do trio de arbitragem.

Com uma imagem até aqui inatacável, o Gallup mantém a sua postura olímpica e confortável dos que têm a feliz propriedade de conviver com o futuro ainda em potencial. Os videntes, História afora, têm aquela aura que assusta e impõe respeito — até medo.

Mesmo os desfavorecidos eventualmente pelos números apresentados pelo Gallup não ousam contestá-lo. Estrebucham, estremunham, estertoram. Mas não atingem a sua aparente inatingibilidade e seus pesquisadores, eficientes, sim, mas invisíveis, oniscientes. No máximo, surgem as acusações sobre manipulações praticadas pelos clientes ou questiona-se a validade de contratos e pagamentos. Mas a seriedade da instituição não é atingida mesmo nos mais profundos dos lamentos.

Mas há, certamente, um momento crucial em todos os lados envolvidos na dura disputa eleitoral. Há, num intervalo qualquer da euforia ou da tristeza, a brecha para que se insinue a dúvida letal: terá o Gallup razão?

Pergunta dolorosa para quem quer que a faça, agora: terá o Gallup razão?

Não somos clarividentes, nem temos equipes de pesquisadores oniscientes. Mas temos uma certeza íntima que essa pergunta é feita muitas vezes, todo dia, no íntimo de cada um, seja na calçada do Café São Luiz, seja nas rampas do Palácio do Planalto, seja num dos comitês de José Agripino, seja no gabinete de trabalho de Agnelo Alves no prédio da Rádio Cabugi/Tribuna do Norte, seja no gabinete de trabalho ou na fazenda de Tarcísio Maia, seja onde haja um eleitor.

Possivelmente, até os próprios pesquisadores tenham suas dúvidas das pesquisas que fazem. O Brasil, já o disse muito seriamente o falecido De Gaulle, não é um País sério, esquecido que a sua França tem também suas incoerências — porque inclusive deu ao mundo um Petain. Francelino Pereira já admirou-se publicamente e, quando tinha a responsabilidade de presidente da extinta Arena, quis saber que “País é este?”.

Todos de razoável bom senso sabem que os tempos são de perplexidades. De dúvidas, De tantas dúvidas que quantas vezes apareça o Presidente João Figueiredo ou um Ministro Militar na frente de um tele-repórter da TV Globo, ele faz a mesmíssima pergunta, sem cansar: “Presidente (ou Ministro) vai haver eleições e se a Oposição vencer toma posse?” Aliás, não só repórter da Globo — embora o seja principalmente dela. Todos os repórteres deste País repetem estas perguntas quantas vezes tenham oportunidade, embora o Presidente e os Ministros militares respondam do mesmo jeito: vai haver eleição e tomará posse quem ganhar.

Enfim, a falta de costume gera tudo isso.

A falta de costume em eleições diretas com tantos candidatos, a falta do costume das pesquisas e sondagens em grande nível, a falta do costume de debates objetivos onde as questões pessoais sejam postas de lado, a falta de hábito com a democracia. Uma tardia imaturidade, digamos assim, um estado de adulto que tem de voltar a aprender a movimentar-se depois de passar muito tempo de cana.

De uma forma ou de outra, o processo vai servir também para decidir o destino da pesquisa no Brasil.

# COMÉRCIO & SERVIÇO

**MUSTACHE**  
Cabeleiros  
Cortes • Massagens  
Alisamento • Limpeza de  
Pele • Trat. Anti-Caspa  
Manicure • Engraxate



**MUSTACHE  
CABELEIROS**

Galeria do Edif. Barão do Rio Branco,  
Loja 4 • Fone: 222-6571 • Natal-RN.

**AEROTUR** TURISMO  
AEROTUR  
Natal-RN

Viagens personalizadas, nacionais  
e internacionais  
Agência especializada em serviços  
internacionais  
• Carga aérea internacional  
• Filiada à EMBRATUR e I.A.T.A.

Rua Apodi, 563 - Tele.: 222-6128/3569/2974

**ASSISTÊNCIA  
TÉCNICA**

**IBM**  
**OLIVETTE**  
**PROLOGICA**  
**MAQVETTI**



Rua General Osório, 222 — Tel.: 222-5343  
Natal-RN



Distribuidor  
dos famosos  
chocolates

*Copenhagen*

Matriz: Rua Prudente de Moraes, 619

Tel.: 222-3318

Filial: CCAB — Loja 6 — Fone: 222-483

Natal-RN

**FOTOGRAFIAS**  
Revelação a cores

*Reproduções*   *Reportagens*  
*Slids*   *sociais*  
*Publicidade*   *Stúdio*  
*Modas*   *Fotografia aérea*  
*Convites*   *3 x 4 em 1 minuto*

**Photos**

Av. Prudente de Moraes, 1107 — Tirol  
Tel.: 222-1340 — Natal-RN  
ESTACIONAMENTO PRÓPRIO

**LAVE O CARRO  
EM 8 MINUTOS**



**POSTO 1003**

Av. Bernardo Vieira, 1455 — Tel.: 231-2562

- Esquadrias de alumínio;
- Box para banheiro em alumínio fosco ou brilhante;
- Assistência técnica permanente.



R. Alexandrino de Alencar, 660 — Tel.: 223-3404  
Av. Hermes da Fonseca, 614 — Tel.: 222-7470



**IRRIGAÇÃO COM  
QUEM ENTENDE**

E quem entende do assunto, em todo o Estado, é mesmo a Agromáquinas, que dispõe de uma equipe técnica capacitada para elaborar projetos de irrigação industrial e comercial com total garantia. A Agromáquinas comercializa também produtos veterinários e material agrícola em geral.

**AGROMÁQUINAS** Rua Presidente Bandeira, 853 - Alecrim  
Tel. 223-1028 Telex 0842364 - 223-1340

O NORDESTE PRECISA PROGREDIR

**AUTO  
LOCADORA**

**D U D U**

Alugue um carro novo  
com ou sem motorista

- Av. Rio Branco - 420 - Centro
  - Box Aeroporto Internacional Augusto Severo
- Fones: 222-4144/222-0501  
223-1106/272-2446 - Natal-RN

# DESTINO DAS PESQUISAS

MANOEL BARBOSA

As eleições de 15 de novembro vão decidir também a sorte do Gallup. Tanto — e talvez até mais — quanto os candidatos envolvidos no processo eleitoral o presidente do Gallup está vendo o próximo resultado das eleições brasileiras como uma questão de vida e morte. A explicação é simples: quem mais está se arriscando no País, neste momento, depois da sorte política de muitos candidatos e do próprio destino do regime democrático brasileiro, é uma instituição chamada “pesquisa”. Das duas uma: ou o resultado das urnas mostrara que realmente vale à pena investir dinheiro em pesquisa de opinião no País — sobretudo através do Gallup — ou tudo não passa de um modismo sem a menor utilidade, quando se trata de questões intrincadas como é a da sondagem pré-eleitoral.

Não haverá meio termo. Os institutos de pesquisas se comprometeram demais. Tudo, em termos de eleições, o que se está fazendo no País, agora, parte de indicadores revelados pelas pesquisas. E, em primeiro plano, as pesquisas do Gallup.

A opinião pública, que estava acostumada a acompanhar esse tipo de sondagem pré-eleitoral em países mais adiantados, através do noticiário dos jornais, de repente se viu envolvida também no curioso jogo das projeções. A falta de maiores indicadores e, provavelmente, porque uma boa parte do eleitorado não está acostumada, ainda, a eleições diretas — por falta de prática — todos acompanham os índices com inusitada emoção. Um ponto a mais é como um gol marcado numa partida de futebol — gol certo, não anulável. Só o adversário é que procura desmerecer o gol, exatamente, também, como em partidas de futebol, insinuando que o juiz não deu o impedimento e que o lance final desenrolou-se em plena ilegalidade sob às vistas grossas do trio de arbitragem.

Com uma imagem até aqui inatacável, o Gallup mantém a sua postura olímpica e confortável dos que têm a feliz propriedade de conviver com o futuro ainda em potencial. Os videntes, História afora, têm aquela aura que assusta e impõe respeito — até medo.

Mesmo os desfavorecidos eventualmente pelos números apresentados pelo Gallup não ousam contestá-lo. Estrebucham, estremunham, estertoram. Mas não atingem a sua aparente inatingibilidade e seus pesquisadores, eficientes, sim, mas invisíveis, oniscientes. No máximo, surgem as acusações sobre manipulações praticadas pelos clientes ou questiona-se validades de contratos e pagamentos. Mas a seriedade da instituição não é atingida mesmo nos mais profundos dos lamentos.

Mas há, certamente, um momento crucial em todos os lados envolvidos na dura disputa eleitoral. Há, num intervalo qualquer da euforia ou da tristeza, a brecha para que se insinue a dúvida letal: terá o Gallup razão?

Pergunta dolorosa para quem quer que a faça, agora: terá o Gallup razão?

Não somos clarividentes, nem temos equipes de pesquisadores oniscientes. Mas temos uma certeza íntima que essa pergunta é feita muitas vezes, todo dia, no íntimo de cada um, seja na calçada do Café São Luiz, seja nas rampas do Palácio do Planalto, seja num dos comitês de José Agripino, seja no gabinete de trabalho de Agnelo Alves no prédio da Rádio Cabugi/Tribuna do Norte, seja no gabinete de trabalho ou na fazenda de Tarcísio Maia, seja onde haja um eleitor.

Possivelmente, até os próprios pesquisadores tenham suas dúvidas das pesquisas que fazem. O Brasil, já o disse muito seriamente o falecido De Gaulle, não é um País sério, esquecido que a sua França tem também suas incoerências — porque inclusive deu ao mundo um Petain. Francelino Pereira já admirou-se publicamente e, quando tinha a responsabilidade de presidente da extinta Arena, quis saber que “País é este?”.

Todos de razoável bom senso sabem que os tempos são de perplexidades. De dúvidas, De tantas dúvidas que quantas vezes apareça o Presidente João Figueiredo ou um Ministro Militar na frente de um tele-repórter da TV Globo, ele faz a mesmíssima pergunta, sem cansar: “Presidente (ou Ministro) vai haver eleições e se a Oposição vencer toma posse?” Aliás, não só repórter da Globo — embora o seja principalmente dela. Todos os repórteres deste País repetem estas perguntas quantas vezes tenham oportunidade, embora o Presidente e os Ministros militares respondam do mesmo jeito: vai haver eleição e tomará posse quem ganhar.

Enfim, a falta de costume gera tudo isso.

A falta de costume em eleições diretas com tantos candidatos, a falta do costume das pesquisas e sondagens em grande nível, a falta do costume de debates objetivos onde as questões pessoais sejam postas de lado, a falta de hábito com a democracia. Uma tardia imaturidade, digamos assim, um estado de adulto que tem de voltar a aprender a movimentar-se depois de passar muito tempo de cana.

De uma forma ou de outra, o processo vai servir também para decidir o destino da pesquisa no Brasil.



... como de Aluizio, porque é lá o centro de onde se irradia tudo

Reunir o máximo de pessoas nas concentrações realizadas na Capital do Estado é, segundo a definição de um estrategista do PMDB, "vital para mostrar ao restante do Rio Grande do Norte poder de voto". Por isso o confronto do dia 16 abriu uma série de les na fase decisiva da campanha. Es-

se primeiro foi o mais importante até a última grande mobilização antes da eleição. Mas seguem-se outros não tão espetaculares, mas de igual valor para a soma geral.

Foi a intuição política de Aluizio Alves e a confiança no poder do seu carisma que deslocaram a campanha

para os confrontos das mobilizações. E essa decisão, segundo os jornalistas que estão acompanhando o processo, obrigou o PDS a modificar a sua tática para acompanhar o ritmo do PMDB, acionando a sua bem azeitada máquina para um tipo de populismo não comum a Partidos governistas. O candidato do PMDB foi feliz na sua estratégia. Graças a ela jogou com a única alternativa de virar uma campanha contra um adversário bem estruturado técnica e financeiramente e com o Poder a seu favor, além de ter, ainda por cima, um bom candidato, como é o ex-Prefeito José Agripino. Chamado para a briga de rua, o PDS teve de alterar seu bem estruturado plano de trabalho, com alto nível publicitário e com veiculação maciça, a imagem do seu candidato e destruir a do adversário — com a mesma soma de recursos — aproveitando aparentes contradições do seu passado político, difíceis de explicar a um eleitorado sem tempo para raciocínios complicados.



**O eleitorado acompanha com interesse**

**A SAÍDA DESESPERADA** — A ação pessoal de Aluizio Alves confundiu toda a cúpula do PDS e abalou a

confiança dos seus estrategistas que, a certa altura, já viam o PMDB irremediavelmente batido. A partir da Marcha de Macaíba, realizada por Aluizio Alves, todo o sistema pedestra compreendeu que estava diante de um adversário com muitos fôlegos e capaz de jogar a altura contra uma máquina bem organizada.

Mesmo as sistemáticas pesquisas que mostravam a folgada vantagem de José Agripino não serviram para tranquilizar de todo o comando do PDS. A partir da Marcha de Macaíba, muitos empresários e políticos que tinham como absolutamente certa a vitória de José Agripino — baseando-se no poder do PDS em todo o Estado e em artifícios eleitorais como o voto vinculado — perderam parte da confiança. Já não ficaram “absolutamente certos”.

Mas a hesitação publicitária do PMDB e a sua desorganização — ou pobreza — estrutural foram dando espaço de novo ao Partido governista.

E a cada resultado de uma pesquisa divulgado pela revista “Veja” realmente acabrunhava o PMDB e criava um clima de euforia no comando do PDS e no círculo que o apoia, fazendo de novo retornar a impressão da “absoluta” certeza da vitória de José Agripino. Antes da passeata de São Gonçalo os pedessistas dividiam-se somente quanto ao percentual de margem na vitória: se de 100, 150 ou 200 mil votos — o Governador Lavoisier Maia disse acreditar em mais.

Aluizio Alves não estava de braços cruzados. Ele estava em Natal. Indo de rua em rua, de casa em casa, num esforço exclusivamente pessoal e até mesmo sem o apoio logístico da sua assessoria. Com uma energia realmente insuspeitada, conseguiu fazer despertar parte do carisma que o levava ao Governo em 60.

**REGRAS QUEBRADAS** — Na fase final da campanha, todas as regras iniciais foram quebradas. Os dois lados, na avaliação das suas baixas e vitórias, já se conhecem o suficiente. O mais comum, consultando-se as duas assessorias informalmente, mesmo nos momentos de paixão, é ouvir-se que se, do lado do Governo, o candidato fosse qualquer outro além de José Agripino, Aluizio Alves ganharia a eleição sem apelação; e, do mesmo modo, se o PMDB apresentasse outro candidato que não Aluizio, José Agripino chegaria ao Poder pela eleição direta com facilidade.

A partir dessa equação é que se inverteram muitos prognósticos e as estratégias da primeira fase, cuidadosamente elaboradas, foram subvertidas. A própria equação eleitoral sofreu uma revisão. O PDS, em lugar de acomodar-se com a aparente vantagem das pesquisas, aumentou o seu ritmo publicitário e de mobilização. Exemplo: no domingo 17 de outubro, dia que se seguiu à Marcha de São Gonçalo pelo PMDB e à passeata do “Pega na Mentira” do PDS em



As equipes no chamamento para os comícios/

## O DIA

A sexta-feira 15 de outubro, um mês antes das eleições, foi um dia muito especial para a política do Rio Grande do Norte. Um dia, pode-se dizer, em que a democracia amadureceu. Talvez nunca, antes, o Rio Grande do Norte tenha se deparado com um dia tão especial, em termos de movimentação política. O centro dos acontecimentos foi Natal e o motivo a mobilização para o confronto entre as suas grandes passeatas que PDS e PMDB iriam realizar no outro dia, um sábado, num formidável confronto de forças.

Naquela sexta-feira 15 Natal amanheceu respirando política. Mas não a política provinciana e personalista. Pelo menos naquele dia, no decorrer dessa campanha que precede as eleições, a efervescência era política no bom sentido da palavra.

**A ORGANIZAÇÃO EM AÇÃO** — Também pela primeira vez as duas principais forças políticas movimentaram suas estruturas a nível de organização política, num esforço de mobilização que ralava pela maturidade. Natal amanheceu com todos os seus pontos estratégicos — especialmente as esquinas de maior movimento e o Centro da Cidade — ocupados por



Palavras de ordem não podem faltar



Natal, o jornal "Diário de Natal" veiculou o maior índice de matéria paga do Partido governista desde que o processo eleitoral foi deflagrado no Rio Grande do Norte.

**BATALHA EM NATAL** — Uma das razões dessa reviravolta: os quase 204 mil votos representados pelo Colégio Eleitoral de Natal. Um peso significativo num total de quase 900 mil votos em todo o Estado. Os estrategistas do PDS se deram conta disso. Mas — segundo **RN/ECONÔMICO** pôde apurar — parte dos estrategistas da campanha do PMDB já defendiam essa conquista desesperada de Natal pela Oposição desde o preparo da Convenção Partidária. A série de grandes manifestações oposicionistas na Capital começou justamente com a decisão de realizar a Convenção do PMDB no Palácio dos

## DAS GRANDES MOBILIZAÇÕES

equipes a serviço da candidatura Agripino. Uma eficiente mobilização, onde se sentia o peso de profissionais ou, pelo menos, de vontades bem organizadas, fez com que grupos de moças e de rapazes, com camisetas ostentando os dísticos da campanha agripinista e faixas, se situavam nas esquinas de maior movimento em todas as entradas de Natal. Foi formado um círculo concêntrico que se ia fechando até o Centro, com os espaços intermediários — as ruas de menor movimento — ocupados por grupos menores. Nos trechos mais desertos as vezes havia apenas um ou dois rapazes entregando faixas, panfletos, cartazes. Mas nenhum espaço era deixado em branco. Nos cruzamentos, mal os carros paravam com o sinal fechado, destacavam-se moças e rapazes colocando panfletos e dísticos nos carros e as faixas eram esticadas para que fossem visíveis da melhor maneira possível.

A manhã do 15 de outubro foi dominada pela propaganda de José Agripino. Todo o plano foi esquematizado para isso. Os diversos grupos de mobilização, compostos 70% de moças, estavam prevenidos para suportar toda a manhã de sol, não arredando o

pé do local nem para beber água: todos estavam munidos de galões com água.

A mobilização, além de eficiente, foi disciplinada. As equipes não aceitavam provocações de eventuais passantes aluizistas — e nem provocava também. O trabalho foi realizado silenciosamente, mas não de forma mecânica. Havia entusiasmo e empenho — e, particularmente, método e determinação, como se um fiscal onisciente estivesse comandando e observando tudo, cobrando correção.

**AS CIGANAS DE VERDE** — Com a cidade coalhada de retratos e panfletos de José Agripino, o PMDB pareceu despertar. À tarde, o comando da campanha deslocou para diversas áreas uma Kombi com jovens vestidas de cigana — de verde. Uma chuva de panfletos também inundou a cidade, com dois tipos de chamamento. Um, convocando o povo para a passeata de São Gonçalo no outro dia e outro na base da contrapropaganda. Isto é: um "convite do PDS" em que todos eram chamados para a passeata de Agripino, onde iriam comemorar os aumentos e dar todo apoio ao Ministro Delfim Neto.

A mobilização aluizista foi bem menos organizada do que a pedesista. E sem método. Mas, de qualquer forma, entusiasmada. Enquanto a tarde da sexta-feira avançava, a cidade se agitava. Na esquina da João Pessoa com Deodoro, a Kombi com as ciganas e um locutor entusiasmado reuniam gente, com os altos-falantes fazendo o "convite do PDS para comemorar a carestia..."

A cidade via tudo com certa animação. Os partidários de um e outro lado procuravam pontos de apoio nos argumentos. Mas, de um modo geral, o confronto era amistoso, afora uma ou outra desavença. Na esquina da Hermes da Fonseca com Bernardo Vieira, por exemplo, um lado era ocupado por partidários de Agripino com as suas faixas e panfletos e o outro pelos de Aluizio, também com uma ampla faixa falando em "José dos Aumentos". Do lado do PDS, o mote era o "Pega na Mentira".

Naquele mesmo dia, Aluizio Alves amanheceu quase de madrugada na Ceasa, falando contra o preço dos produtos e, pouco depois, estava na Vila de Ponta Negra onde, antes de chegar junto de seus correligionários, teve de passar por um grupo de agripinistas.

Esportes, vencendo uma tendência que teve de combater as opiniões dos que — como alguns líderes do Partido — queriam realizar o ato na sede da Assembléia Legislativa. Naquela ocasião, um experimentado assessor político deu a opinião decisiva ao dizer:

— Quem não tem condições de lutar o Palácio dos Esportes numa Convenção Partidária não tem condição de querer ser Governador do Rio Grande do Norte numa eleição direta.

O desafio foi aceito, mesmo com o receio de repetir o quase fiasco do PDS, que não conseguiu na sua convenção, no mesmo lugar, manter o local repleto durante todo o dia, como pretendia, irritando bastante a cúpula partidária.

Certa de que o voto vinculado não vai prejudicá-la em Natal, a Oposição partiu para a conquista da cidade na tática homeopática e ao estilo de Aluizio: em atos públicos mais ou menos improvisados e idealizados segundo a inspiração do momento e em parte nos moldes dos já realizados em 60. Depois do sucesso da Convenção e da Marcha de Macaíba, cresceu a convicção de que essa era a melhor maneira de irradiar, a partir de Natal, confiança e influência no eleitorado do interior.

O PDS, organizado e muito confiante nas pesquisas que lhe têm sido favoráveis, na estrutura dos Prefeitos e do voto vinculado e na boa imagem de José Agripino demorou um pouco a perceber essa tática — e esse parece ter sido o seu único grande erro até agora detectável de percepção.

**AGILIDADE DE MOVIMENTAÇÃO** — Na verdade, é difícil funcionar com nitidez os sensores de qualquer percepção, por mais delicados que eles sejam, no momento político atual do Estado. Estruturada em bases técnicas e com um organograma que parece quase perfeito a nível do Rio Grande do Norte, a campanha pedessista pode movimentar-se com desembaraço e agilidade nas fases de mobilização, de montagem de comitês, de formação de grupos, de colocação da sua mensagem — atingir frontalmente, em todos os pontos fracos e de modo sistemático a imagem do candidato opositor para abalar o seu carisma. E tem agido, no todo, pelo menos na última fase, com competência e implacável eficiência. Só não pôde é solucionar questões imponderáveis, como a da insatisfação popular em todo um sistema de

Governo — o custo de vida, a política habitacional, etc — e os resíduos do carisma aluizista que permanecem nas camadas mais humildes da população e na faixa mais idosa. Aí — como diz um dos técnicos da campanha — “o jogo é realmente complicado”.

Pelo seguinte: José Agripino tem, além da sua boa imagem como Pre-

feito de Natal o fator juventude. Mas este segundo fator se fracciona consideravelmente, porque parte dos jovens, se não é aluizista, não é governista e é insatisfeita com o Governo. E mesmo uma parte da população que faz reservas a Aluizio se toca — paradoxalmente — com a eficiência e o gigantismo do PDS.

Os dois últimos aspectos — para os

## LEI FÁCIL DE DRIBLAR

Em quase nenhum Estado do Brasil a Lei Falcão está sendo rigidamente respeitada neste período pré-eleitoral. Mas, segundo o depoimento do repórter Paulo Fona, da revista ISTOÉ, que esteve em Natal na segunda quinzena de outubro, no Rio Grande do Norte “a situação parece ser muito pior do que nos outros lugares”. O jornalista trabalha em Brasília e circula rotineiramente pelo País a serviço da sua revista. Em Natal, sentindo a atmosfera da campanha, conversando com o pessoal de jornal nas redações, ouvindo as emissoras de rádio, concluiu que as coisas no Estado eram bem diferentes. Não só em relação ao desrespeito à legislação vigente. Mas — e isso também espantou o profissional — porque, por ser uma campanha eleitoral “quase a nível passional”, os extremos são considerados os pontos normais e ninguém admite a neutralidade. “Aqui ou se é Aluizio ou Agripino, hem?” — espantou-se ele.

**A LEI E OS EXTREMOS** — Quanto à obrigação de vinculação a uma ou outra corrente política o jornalista de ISTOÉ só equivocou-se em generalizar e esquecer de ponderar que toda regra tem exceção. Em relação aos deslizes no cumprimento da Lei Falcão, acertou.

Tanto o PDS como o PMDB têm sabido aproveitar-se muito bem no Rio Grande do Norte das imprecisões da Lei Falcão. Do lado do PMDB, a Rádio Cabugi não vai de encontro frontalmente à Lei, mas encontra as maneiras irremediáveis de contorná-la. Exemplo: o comando da campanha aluizista adotou

como símbolo uma lambada gaúcha, que é uma música quente, algo como um frevo bem agitado e sem letra. Quando a música é ouvida, lembra logo as passeatas. Mas nada tem, oficialmente, com a campanha. Assim, a lambada pode ir ao ar o dia todo, sem infringir nenhuma Lei e, ao mesmo tempo, funciona como uma propaganda.

Do lado do PDS as coisas funcionam mais ou menos no mesmo sentido. A Rádio Trairi, da família Maia, não perde a chance de levar ao ar músicas que se relacionam com a campanha de José Agripino.

Além do mais, o noticiário político das duas emissoras é claramente dirigido favoravelmente aos seus candidatos, a nível de redação e manipulação das notícias/informações, sem que isso possa ser considerado, tecnicamente, publicidade.

Até o momento, o TRE só pôde agir no caso do jornal “A República”. Mesmo assim por causa de uma representação do setor jurídico do PMDB. E, à medida que se aproxima a hora da votação, as coisas ficam mais difíceis.



Figueiredo: importante é ganhar



### As vezes os caminhos dos candidatos se cruzam

técnicos da campanha — explicam o súbito e surpreendente aparecimento de “ondas refluxas” de opositoristas nas vésperas das grandes passeatas. Ele diz:

— É inexplicável. Tudo, nos dias normais, parece tender para o PDS. Mas, quando é o dia de uma passeata dessa, surge gente de todo lugar, ninguém sabe de onde, com as bandeiras verdes e os slogans da Oposição.

**A PERSEVERANÇA** — Talvez a capacidade de detectar esses “refluxos” seja propriedade das “raposas políticas”. Como Aluizio. Nos dois dias que precederam a Marcha de São Gonçalo, Aluizio Alves tomou atitudes que nenhum técnico de campanha aconselharia e, se soubesse com antecedência, até evitaria. Na quinta-feira, dia 14, pela manhã, ele esteve na Ceasa. Sem se preocupar em ser precedido por membros da equipe para preparar o terreno. Foi vaiado por alguns agripinistas. Mas não se perturbou: caminhando firme, se dirigiu aos que o vaiavam e estendeu a mão para parabenizá-los pela “conduta democrática”. Esse comporta-

mento de experiente político desenvolveu inteiramente o grupo que o antagonizava. Uma senhora que presenciava a cena, abismada, confessou ao jornalista Luciano Herbert:

— Eu sou eleitora de Agripino e não gosto desse homem. Mas com essa... sinceramente...

São coisas desse tipo que Aluizio faz, com a sua experiência e conhecimento do comportamento da população. No dia da passeata, sentindo que o PDS soubera realizar melhor a mobilização popular, foi pessoalmente, logo de manhã, para frente do comitê do PMDB, na Hermes da Fonseca e, em cima de uma Kombi, apelou para a população. Distante menos de 100 metros, o comitê de José Agripino ficou vazio e as pessoas que passavam nos ônibus desciam. As mulheres — as pobres, especialmente — se apiedavam da cena: aquele homem de cabelos brancos, no sol, de manhã, com aquela energia inexplicável, comandando uma mobilização que era para ser feita por assessores.

Aquela altura, toda a eficiente máquina do PDS havia completado o seu serviço e se julgava plenamente vitoriosa, pois o PMDB agira tardiamente.

te. Mesmo assim, a intuição de um experiente político aparecia como desestabilizadora de um esquema quase perfeito.

**PALMO A PALMO** — Isso prova que — como afirma os mais experientes observadores da política — uma eleição pode depender de fatores de última hora. Evidentemente, para que esses fatores funcionem como catalizadores de votos é preciso que exista de alguma forma um conjunto de componentes potenciais lógicos. Seria de todo impossível que, agora, ocorresse um fator desse capaz de provocar a eleição de um Rubens Lemos ou de um Vicente Cabral, embora não seja impossível a ocorrência de um capaz de engrossar a votação de um deles. Mas, tanto para Aluizio Alves como para José Agripino — sabem os técnicos — pode prevalecer qualquer ocorrência desestabilizadora. Os técnicos da campanha do PDS, conhecedores de alguns métodos tradicionais da família Alves, já demonstraram preocupação com essa possibilidade ou com a tentativa de ser forjada alguma surpresa. E vêm denunciando constantemente essa possibilidade dos “laboratórios aluizistas”. O difícil é prever se esse recurso será uma jogada sem nível, meramente de desespero e que poderá se voltar contra o próprio candidato opositorista ou se será uma das ações imprevisíveis de Aluizio, num dos seus rompantes ditados pela experiência e pela intuição.

Só o restante da campanha dirá.



O povo participa

# Pertinho da decisão, os dois partidos dão de tudo



... ao estímulo ao "camarão"



Dos panfletos jogados dos edifícios...

Durante os próximos 15 dias, o Rio Grande do Norte testemunhará uma sequência de embates políticos tão intensos, como certamente a sua História jamais presenciou. A campanha dos candidatos do PMDB e PDS chegou ao seu ponto de mais alto fulgor, com a realização de passeatas monumentais, marchas quilométricas, comícios gigantescos e longas, exaustivas e vibrantes vigílias pela madrugada adentro. A maratona política está chegando ao fim. De um lado, o candidato do PMDB, Aluizio Alves, mobilizando todo o esforço de que bem demonstrou ser capaz, e, do outro, o que ele chama de **sistema**, também empenhado na dura tentativa de eleger Governador do Estado o ex-Prefeito de Natal, Agripino Maia.

A política do Rio Grande do Norte vive agora um quadro de definições totais, seja pelo fato de que os últimos passos da campanha induzem naturalmente a que o eleitor assuma partido, seja no que diz respeito ao

grande racha do PDS, aprofundado de modo inquestionável pelo grupo Rosado, que negou-se até mesmo a comparecer ante a recente presença do Presidente João Figueiredo, em Mossoró. Esta foi, com certeza, a última cartada dos Maia, na busca de fazer com que a família Rosado, liderada pelo deputado federal Vingt Rosado, tomasse posição ao lado da candidatura pedessista ao Governo.

Após buscar o apoio dos mossoroenses com a realização de concentrações públicas e até mesmo transferindo o Governo Estadual para a cidade, durante a comemoração da pioneira libertação dos escravos pelo povo mossoroense, os Maia resolveram então sacar sua mais categorizada carta, o Ás Figueiredo, num confronto em que muita gente admitiu que os Rosado perderiam todo o seu cacife, pelo menos comparecendo aos atos a que estivesse presente o Presidente, arrastando em sua esteira o também dissidente vice-governador Ge-

raldo Melo e o senador Martins Filho, cujas ebulições de temperamento têm causado tanta irritação ao Palácio Potengi.

A não ser Geraldo Melo, que compareceu a um ato protocolar — a recepção a Figueiredo, no seu desembarque no Aeroporto Augusto Severo, em Natal —, nenhum outro remanescente do Pacto de Solidão esteve participando das movimentações, obrigando Figueiredo a fazer um último, desesperado e bizarro apelo aos mossoroenses, ao dizer que até o dia 15 de novembro comerá camarão "com barba, cabeça e tudo", numa claríssima alusão ao voto instituído pelos Rosado, que pregam a eleição de representantes pedessistas de vereador até deputado federal, mas não assumem a **cabeça** da chapa — Senado, e, especialmente, Governo. Esta foi criada a analogia com o camarão, cuja cabeça não é petisco dos mais aconselháveis, mas que será degustado pelo paladar pouco refinado do general-presidente.

**NOTÓRIA FALTA DE FUNDOS** — A batalha política, para chegar a um tão alto ponto de radicalismo, seguiu um lento, demorado e intrincado processo de endurecimento de posições, que bem pode ter tido início ainda no começo dos anos 80, quando o então reintegrado à vida pública, Aluizio Alves, passava a trilhar os seus pró-

prios caminhos, desfazendo o que em 1978 fora denominado de "sistema de forças para a eleição do senador Jessé Freire". Ocorre que, ajudando os Maia a eleger Jessé, Aluizio conseguiu deles afastar aliados históricos — os Rosado —, que não queriam, à época, conviver com esse mesmo Aluizio. Os Rosado, além disso, sentiram-se preteridos, quando, em duas oportunidades, deixaram de ver o ex-senador Dix-Huit Rosado elevado ao Governo, perdendo as chances para Tarcísio e, depois, Lavoisier Maia. Estava cavado o fosso. Hoje, este transformou-se num abismo entre as duas facções políticas, com Aluizio, paradoxalmente, contando com o aval indireto às suas pretensões, por parte dos Rosado, que pregam o voto camarão. Geraldo Melo e Martins Filho, ao longo do tempo, também passaram a acumular ressentimentos contra os detentores do Palácio Potengi, passando a formar ao lado do grupo de Mossoró.

Os Maia, entretanto, cobram forças num tentacular aparato publicitário, que, ao mesmo tempo em que anuncia as qualidades de administrador de Agripino, despejam toneladas

de acusações sobre seu mais sério adversário, Aluizio Alves. A campanha está, evidentemente, polarizada entre Agripino e Aluizio, já que os candidatos do PT, Rubens Lemos, e do PTB, Vicente Cabral de Brito, em nenhum momento conseguiram sensibilizar qualquer parcela mais expressiva do eleitorado. Rubens, pela notória falta de fundos para enfrentar uma disputa de tal porte; Cabral, por haver velejado com suas caravelas em rumos que bem poderão descobrir a América ou a pólvora, jamais a rota do Palácio Potengi — em nenhum instante, fez qualquer divulgação do seu nome como candidato. Teme-se que terá uma votação beirando o ridículo.

Mas se esses dois candidatos não estão obtendo maior respaldo popular, o mesmo não ocorre com os representantes do PDS e do PMDB. Assentado sobre a pirâmide do grande esquema publicitário e político que construiu, Agripino tem atingido o norte-riograndense com uma massa de propaganda tão forte, como certamente só ocorreu em 78, em favor da eleição de Jessé Freire, ou em 60, quando Aluizio introduziu o marke-

ting político. São dezenas de Kombis com poderosos sistemas de alto-falantes, trios elétricos, equipes de moças distribuindo cartazes, decalques e panfletos, ônibus para trazer gente para os seus comícios, além de farta autorização para o abastecimento gratuito do carro de qualquer um que queira participar das mobilizações do PDS, em dias de sábado, como chegou a ser denunciado.

**CONCENTRAÇÕES MONSTRUOSAS** — Aluizio, entretanto, baseia sua proposta de campanha na emissão de mensagens como a instauração de um Governo participativo — mediante a audiência prévia das comunidades diante de questões relevantes para o Estado —, denúncias do custo de vida e do enferrujado aparelho burocrático-previdenciário, corrupção governamental e desassistência ao homem do campo, para citar apenas alguns itens. Mantendo o seu já conhecido populismo, realizou a marcha de 24 quilômetros para Macaíba, e outra de 16 quilômetros, de Natal a São Gonçalo do Amarante, reunindo milhares de pessoas. Para melhor dar sustentação às suas pro-

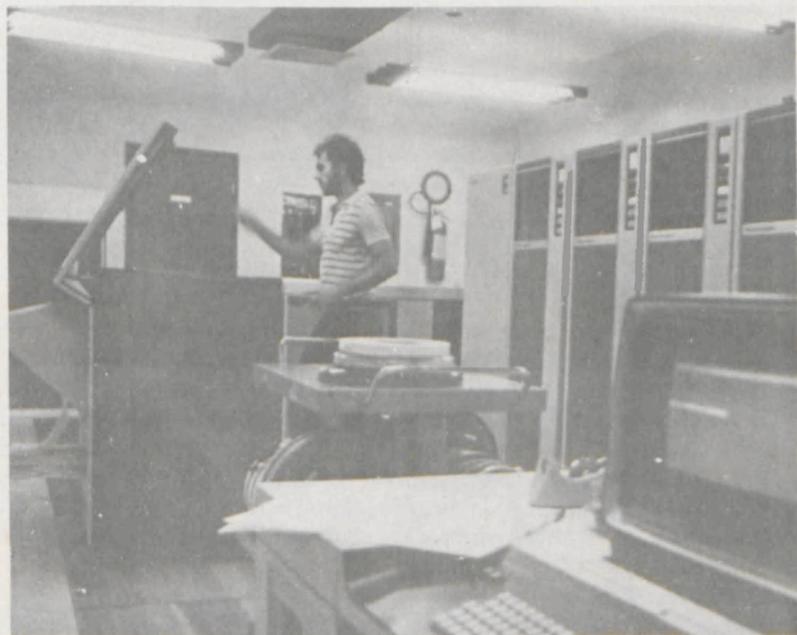
A informática já é uma realidade no Rio Grande do Norte. É a tecnologia eletrônica atuando nos mais diversos setores empresariais, com o processamento de dados para facilitar a informação de números e outros elementos essenciais aos executivos e dirigentes de empresas. É o RN integrado na era da cibernética com a sua primeira empresa de prestação desses serviços — SISTEMA SA PROCESSAMENTO DE DADOS criada em 1973, consolidada nos seus negócios, oferecendo uma estrutura de computação que opera com eficiência e pode ser muito útil à sua empresa.

**Informe-se sobre as alternativas oferecidas visitando-a nas suas novas e modernas instalações, ou solicite uma visita de um técnico.**

## **SISTEMA SA PROCESSAMENTO DE DADOS**

Estrada de Ponta Negra, 1831  
Capim Macio — Tels.: 231-4215 e 231-4890 Natal

## **COMPUTAÇÃO: ALTERNATIVA EMPRESARIAL PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS**



postas, partiu também para a distribuição de panfletos por toda a cidade, fazendo circular o Boletim do Povo, com textos curtos e quase didáticos, falando dos principais problemas que afligem as camadas trabalhadoras.

São, inegavelmente, dois poderosos esquemas a funcionar. Cada um com o combustível publicitário que mais lhe convém. Como está difícil para qualquer candidato do PDS defender a política de Brasília, a campanha de Agripino foi orientada no sentido de centralizar-se em torno da figura jovem e simpática do candidato, que granjeou fama de bom administrador, quando esteve à frente da Prefeitura de Natal. Por seu turno, dispondo de farta munição tanto contra a administração central, quanto contra o Palácio Potengi, a campanha aluizista, além de enaltecer as propostas do PMDB, assesta as suas baterias e cargas de cavalaria ligeira sobre qualquer ato ou fato que venha a ter consequências sociais pouco desejáveis. Com isso, tem sido obtido um inequívoco reforço popular.

Assim, tanto um lado como o outro têm-se esmerado em programar e realizar concentrações monstruosas, não só para dar ao adversário demonstração de força e prestígio junto às massas, mas até mesmo para atrair votos dos indecisos, já que sabe-se que nas retas finais de campanhas quem ainda não tomou posição, tende a votar em quem supõe seja o vencedor. Com isso, tem-se mantido elevada a temperatura política no Estado, com um detalhe que, afinal de contas, apenas serve para desorientar o eleitor: a cada pesquisa que o Governo anuncia como indicadora de vitória de Agripino, surge uma resposta do PMDB, desmentindo os números e garantindo que trata-se apenas de uma manipulação, como forma de impressionar o eleitorado.

Assim foi com a primeira pesquisa divulgada. Realizado pelo Instituto Gallup, dava como resultado a projeção de vitória para Agripino, com 120 mil votos de maioria. Dias após, Aluizio divulgava através da imprensa um documento firmado pelo sr. Sezildo Câmara, afirmando que fora contratado para fazer a pesquisa na Região Oeste do Estado e no Vale do Açu, mas que os resultados por ele apurados haviam sido publicados "rigorosamente ao contrário". Criou-se uma grande celeuma em torno do assunto, foram trocadas acusações e retaliações vigorosas, até que Aluizio consi-



derou encerrada a questão realizando a passeata a Macaíba, reunindo cerca de 120 mil pessoas, segundo calculou.

Semanas após, o Governador La Voisier Maia estimou em nada menos de 200 mil votos a maioria pró Agripino, o que foi considerado um delírio pelos seguidores de Aluizio, acrescentando-se à confusão mais um detalhe: o mesmo Agripino, ao ser indagado, declarou à imprensa que ganhará por 65 mil votos. Tal profusão numérica serviria para confundir qualquer eleitor médio, mas que não atingiu ainda um grau de perplexidade total, pelo fato de que o PMDB não publicou qualquer levantamento ou pesquisa, o que tornaria sobremaneira intangível a apreciação a respeito do resultado de 15 de novembro — pelo menos a partir do confronto de números tão díspares. Além disso, os dois lados têm publicado incessantemente, nos jornais, grandes fotos registrando as multidões que ocorrem aos seus comícios ou passeatas.

A campanha, entretanto, está a exigir de todos uma participação total, com dedicação exclusiva. Otimismo à parte, tanto Aluizio quanto Agripino sabem que são páreo duro um para o outro. O primeiro, apoiado

numa longa tradição, com um detalhe — nunca perdeu uma eleição; o segundo, baseado na oleada máquina que montou, com um realce — nunca disputou o voto popular. Ironicamente, entretanto, é exatamente esse detalhe divergente que os une, de modo a estabilizarem-se na mesma contingência: quem perder, estará literalmente fora da vida pública, pois, para Aluizio, seria o final de uma lenda, e, para Agripino, o encerramento de sua carreira política, ao final do primeiro capítulo.

**NATAL E MOSSORÓ** — A campanha agora entra no seu ritmo mais trepidante. Cada orador, cada palavra mais vibrante, cada discurso, terá que ser sempre e mais convincente. Nos bastidores, acautelam-se os Partidos para flagrar e impugnar quaisquer manobras do adversário, seja na hora da votação ou nos dias de apuração. Na área da Justiça Eleitoral, são ativados os últimos e necessariamente meticulosos preparativos para o duelo do voto. No meio do povo aumentam os comentários. Em toda parte fala-se de política, mantendo-se a tradição potiguar de bipolarização do pleito. Da parte dos candidatos, terá aumentado a tensão e a expectativa, com cada um disputante, especialmente dois que querem chegar ao Palácio Potengi, esperando obter um bom percentual dos cerca de 900 mil eleitores norte-riograndenses.

Os candidatos, agora, deverão aceitar suas idas e vindas ao interior do Estado e capital, com uma intensa programação de comícios e passeatas, na tentativa de fixar os votos com que já contam, ampliando essa margem com o aporte de indecisos. Os últimos e monumentais confrontos deverão registrar-se em Natal e Mossoró, dois redutos eleitorais de alta valia para os candidatos ao Governo, exatamente onde têm sido travados os mais rijos embates na busca do apoio popular. Além dessas duas cidades, também serão importantes para a decisão do pleito: Caicó, Ceará-Mirim, São Gonçalo do Amarante, Macau, Macaíba, Açu, Currais Novos, Nova Cruz, Eduardo Gomes, João Câmara, Apodi, Areia Branca, São Miguel, São José de Mipibu, Santa Cruz, Carauabas, Santana do Matos, Alexandria, Parelhas, Pau dos Ferros, Santo Antônio e Angicos. Somados todos esses municípios, o total de votantes elegerá o próximo governador do Rio Grande do Norte.

# UM BOM TESTE PARA JOVENS

Os jovens têm sido os mais entusiasmados na atual campanha eleitoral do Rio Grande do Norte. O que tem surpreendido os chamados caciques — e até as “raposas” — políticos. A surpresa vai por conta da falta de prática e de costumes dos jovens com eleições diretas para Governador do Estado. Uma falta de prática que não implicou em falta de desembaraço.

Como é sabido, os três últimos governadores do Rio Grande do Norte foram biônicos. E biônicos em processos de gabinete em geral muito complicados e traumatizantes. No primeiro, a ascensão de um técnico como o professor Cortez Pereira desconcertou práticas antigas e violou rituais administrativos, fazendo com que uma série de audaciosos planos não fossem suficientemente compreendidos; no segundo, foram violados acordos e produzidos choques políticos que ainda hoje ressoam (como a ruptura dos Rosado com a família Maia; no terceiro, apartou-se a ruptura produzida no segundo processo o que, de certa forma, deságua no quadro político atual.

A eleição direta de agora põe em ação no mínimo 300 mil jovens eleitores que nunca tiveram a oportunidade de uma escolha de um mandatário no Estado ou de participar de um processo eleitoral no nível atual da abertura política proporcionada no 18.º ano do regime implantado no País pela Revolução de 31 de março de 1964.

## ATÉ ENSINANDO A VOTAR —

O mais curioso é que os jovens, neófitos em eleições, também estão ensinando a votar. Todos os partidos — sobretudo PDS e PMDB — estão muito preocupados com os equívocos que os eleitores poderão cometer com a nova cédula eleitoral. Evidentemente, cada partido tem os seus motivos. Curiosamente, os erros dos eleitores desavisados poderão prejudicar tanto a Situação como a Oposição. O PMDB mobilizou um grupo de jovens com a tarefa de ensinar a votar os eleitores com menor nível de informação nos bairros mais



pobres da cidade. Para a Oposição é preciso que o eleitor esteja bem esclarecido sobre as sutilezas da cédula e da lei eleitoral que a regula porque o voto vinculado em alguns casos precisa ser driblado com o voto camarão. Dentro desse objetivo, a Oposição tem uma preocupação mais acentuada em iniciar o eleitorado menos esclarecido nos segredos da nova e minuciosa cédula. Para poder mobilizar equipes de jovens com a necessária energia a fim de ensinar a votar “de casa em casa”, os oposi-

cionistas, por sua vez, têm de recorrer aos quadros mais veteranos para sub-aulas básicos aos quadros jovens. De qualquer modo, isso permite um processo de educação política em cadeia.

**PARTICIPAÇÃO** — Do lado do PDS — e também do PT — a participação dos jovens é entusiasmada. O partido da situação vem mesmo fazendo dos seus adeptos jovens uma de suas armas. Nas mobilizações que realiza para reunir gente nas suas manifestações políticas o PDS aciona com propriedade um grande número de moças — moças, sobretudo — que invadem as esquinas e os pontos mais movimentados da cidade distribuindo panfletos, convites, fixando adesivos nos carros. As jovens agripinistas portam-se com delicadeza nessa militância e perguntam sempre ao motorista, antes de fixarem o adesivo, se ele dá a permissão. Por isso mesmo têm galvanizado simpatia para o candidato e não provocam atritos, nem discussões pouco produtivas. Também quando da realização das manifestações as jovens — com as camisas com os slogans da campanha, bonés e fitinhas na cabeça — puxam a animação, sambando e frevando.

Por ser um candidato simpático, com uma imagem mais jovem, José Agripino atrai naturalmente eleitorado mais jovem.

**ATUAÇÃO** — A intensa atuação de jovens que ainda não vão votar também tem sido notada. É o caso do pessoal da UMES — União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas. Geralmente na faixa de 16 e 17 anos, os jovens estudantes ligados a esse órgão têm partido para a militância de rua, com megafones, com seus discursos inflamados para o povo, na maior parte em plena praça Padre João Maria. Descontando-se alguns excessos, a prática não deixa de ser salutar, porque indica uma participação intensiva no processo político. Melhor: num processo de escolha eleitoral.

# É bom saber os detalhes da legislação eleitoral

“Na hora de votar, vote”. A proposta defendida pela iniciativa de uma rede de televisão é um apelo no mínimo válido. Sim, porque, após esses anos sem exercer o direito de escolher os seus dirigentes, o povo brasileiro reingressa agora aos caminhos de uma quase normalidade democrática. E ninguém deve perder essa oportunidade, mesmo viciada pela vinculação total de votos, assim expressa na letra fria da lei eleitoral, em seu artigo 24, parágrafo VII: “Na cabina indevassável, o eleitor escreverá, na cédula, o nome, prenome ou número dos candidatos de sua preferência, os quais devem ser do mesmo Partido, sob pena de nulidade do voto para todos os cargos; em seguida dobrará a cédula”.

A precaução de sufragar os candidatos de um mesmo Partido, entretanto, não será a única a ser observada, a fim de preservar a sua vontade eleitoral. **RN/ECONÔMICO** fez a seleção de importantes detalhes da Resolução 11.456, de 22 de setembro de 1982, a fim de esclarecer dúvidas ou lembrar procedimentos exigíveis le-



A cotação mais organizada

galmente. Abaixo, os mais importantes aspectos da Resolução:

**COMPAREÇA** — Se você for membro de Mesa Receptora de Votos, compareça. Os faltosos sem justa causa incorrerão em multa de 50 por cento de um salário-mínimo. Mas quem faltou por motivo justo, terá até 30 dias para explicar-se ao Juiz Eleitoral. Se o faltoso for servidor público ou autárquico, a pena será suspensão de até 15 dias.

**DOIS FISCAIS** — Essa informação é importante a Partidos ou suas sublegendas: cada sigla ou sublegenda poderá nomear dois Delegados em cada município e dois Fiscais junto a cada Mesa Receptora, funcionando um de cada vez, segundo fixa o artigo 15 da Resolução 11.456.

**SEUS PARENTES** — De acordo com a Lei, não poderão ser nomeados como Presidente ou Mesários: os candidatos e seus parentes, membros de Diretórios Partidários, autoridades e agentes policiais, funcionários em cargo de confiança no Governo ou os que pertencerem ao Serviço Eleitoral. Quem estiver relacionado com qualquer um dos itens, mas for nomeado e aceitar, pode pegar pena de prisão até seis meses ou pagamento de 90 a 120 dias-multa.

**LIBERDADE ELEITORAL** — Quem, por qualquer motivo, estiver perturbando o bom andamento da votação, ou praticando ato que atente contra a liberdade eleitoral será mandado retirar pelo presidente da Mesa.

**FORÇA ARMADA** — Outra determinação tem por objetivo impedir o uso de tropas na coação de eleitores. Diz o Artigo 19: “A força armada conservar-se-á a cem metros da seção eleitoral e não poderá aproximar-se do lugar da votação, ou nele penetrar, sem ordem do presidente da Mesa”.

**TERÃO PRIORIDADE** — Os candidatos terão prioridade para votar,



Todo cuidado para não estragar o voto

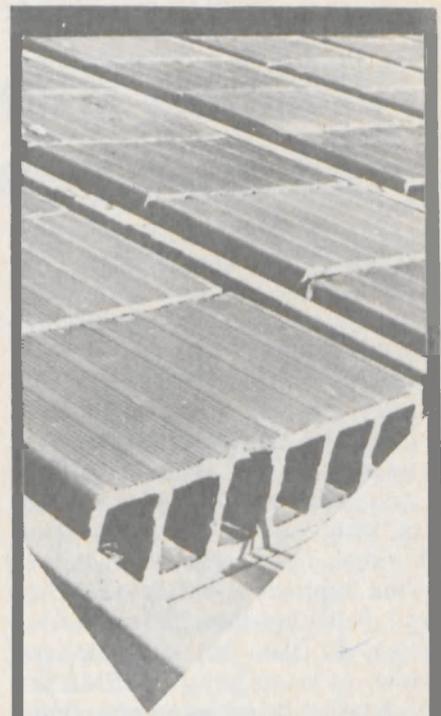
segundo-se o Juiz Eleitoral da Zona, seus auxiliares de serviço, os eleitores de idade avançada e as mulheres grávidas.

**ÀS 8 HORAS** — O recebimento de votos terá início às 8 horas e término às 17 horas.

**SEM O TÍTULO** — Mesmo que, por qualquer motivo, você esteja sem o título eleitoral, no dia 15 de novembro, vá votar. A lei garante esse direito, sendo bastante que o eleitor se dirija à seção em que conste o seu nome. Depois, você poderá obter da Justiça certidão que comprovará o cumprimento da obrigação eleitoral.

**COM O TÍTULO** — Se ocorrer o caso inverso, ou seja: você está com o título, mas seu nome não constar na folha de votação, apresente o documento que o capacita ao direito do voto. O resto é com os mesários, que tomarão todas as providências para que o eleitor vote.

**COMO VOTAR** — Na cabine, escreva o nome, prenome ou número dos candidatos na cédula. Ao depositar o voto na urna, você deverá fazê-lo de modo a mostrar a parte rubricada à Mesa e aos fiscais.



## O PERFIL DE UM GRANDE CONJUNTO

São nervuras e blocos, formando a conhecida laje Volterrana. Mais economia de tempo e dinheiro, mais simplicidade na instalação, menos peso e muita qualidade é o que você terá quando colocar na sua obra lajes Volterrana.

Lajes Volterrana é uma qualidade nacionalmente reconhecida. E quem a fabrica em Natal é a Saci — Material de Construção. A Saci mantém um estoque permanente de lajes Volterrana e pré-moldados de cimento para pronta entrega.

Procure a Saci. O Departamento Técnico da loja lhe ensinará tudo sobre lajes Volterrana.



**MATERIAL DE CONSTRUÇÃO**

Rua Pte. Bandeira, 828  
Tels.: 223-3626/3627/3628  
Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN

**OUTRA CÉDULA** — Quem estragar, inutilizar ou assinalar erradamente a cédula, poderá pedir outra ao Presidente da Mesa, que inutilizará imediatamente o voto prejudicado pelo eleitor, que em seguida voltará à cabine para depositar a nova cédula.

**ONDE VOTAR** — O eleitor somente poderá votar na seção eleitoral em que estiver incluído o seu nome. Dia 15, procure na imprensa o local exato onde você deverá votar.

**ELEITOR CEGO** — Havendo um cego na família, em condições legais de exercer o direito de voto, leve-o às urnas. Ele poderá assinar a folha individual de votação do alfabeto comum ou do Sistema Braille. Poderá também assinalar a cédula oficial utilizando qualquer sistema, e usar qualquer elemento mecânico que trazer consigo ou lhe seja fornecido pela Mesa e que lhe possibilite exercer o direito de votar.

**RECEBA O TÍTULO** — Depois de votar, você deverá exigir a devolução do seu título, que deverá estar devidamente rubricado pelo Presidente da Mesa. Qualquer situação em contrário deverá ser reclamada pelo eleitor.

**NÃO PODE PRENDER** — Nenhum

autoridade poderá prender nenhum eleitor, desde cinco dias antes da eleição, a não ser em flagrante delito ou em decorrência de sentença criminal condenatória por crime que não possa ser afiançado. Quem souber de qualquer caso de prisão ilegal, deverá imediatamente apelar à Justiça, para que seja o eleitor liberado.

**OS CANDIDATOS** — Sendo candidato, você não poderá ser preso a partir dos últimos 15 dias antes da eleição.

**TENTAR VOTAR** — Atenção, se alguém estiver planejando votar ou tentar votar mais de uma vez, ou em lugar de outra pessoa, é bom desistir: a pena para tal crime será de reclusão até três anos.

**TENTAR VIOLAR** — Aquele que violar ou tentar violar o sigilo do voto, terá pena de detenção de até dois anos.

**COMUNIQUE** — Todo cidadão que tiver conhecimento de infração penal, com desdobramentos eleitorais, deverá comunicá-la ao Juiz Eleitoral da Zona onde esta se verificou, podendo fazê-lo por escrito ou verbalmente.

## Vicente Cabral acredita que pode ser a “zebra”

É ele mesmo quem garante: “Pode dar uma **zebra**, e eu me eleger”. A declaração é do candidato do PTB ao Governo Estadual, Vicente Cabral de Brito, que, mesmo levando em conta as suas modestas possibilidades de chegar à reta final em primeiro lugar na preferência do eleitorado, raciocina que, seja como for, entrou na disputa “para valer” e tem pelo menos o direito de ficar em expectativa.

Uma improvável vitória de Cabral seria realmente uma zebra. Até os últimos 20 dias da campanha, enquanto os candidatos do PMDB e PDS estavam incessantemente empenhados em divulgar-se como disputantes do Palácio Potengi, o representante trabalhista não havia feito um só comício em Natal ou no interior do Estado; quase não envia material publicitário à televisão; não fizera qualquer anúncio nos jornais a respeito de sua proposta política. Criava assim, em torno de si, um ambiente tão discreto, que mais se diria — não fosse pela propaganda no rádio, que está fazendo —, que no Rio Grande do Norte há somente três Partidos envolvidos na campanha, contando-se pequeno PT, que insiste em arrancar alguns votos aos quase um milhão de eleitores do Estado.

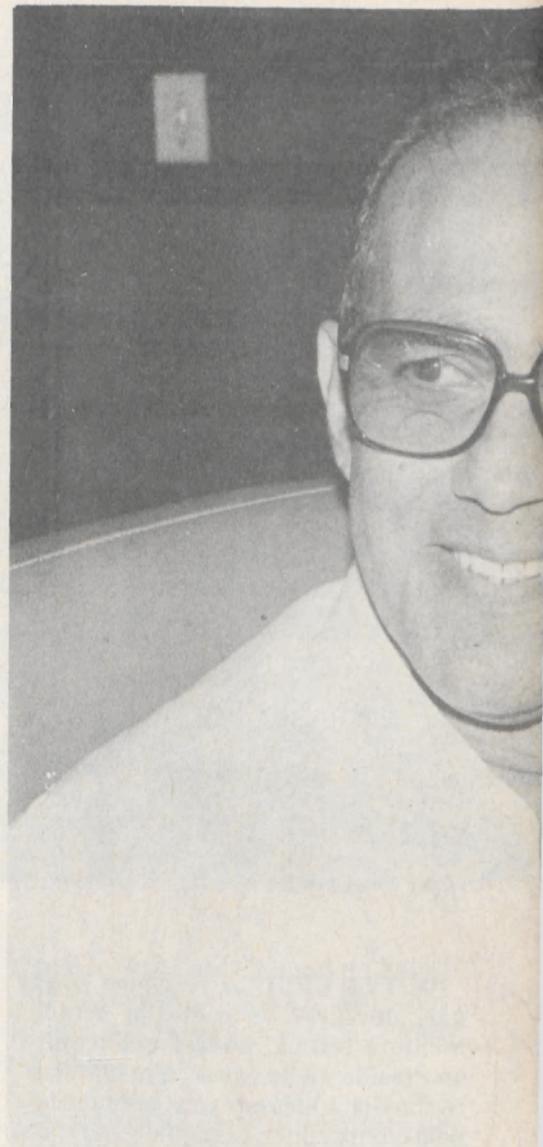
**FAZER QUALQUER COISA** — Vicente Cabral, entretanto, fala de seus propósitos políticos com grande desenvoltura, e após garantir que não se lançou candidato, mas sim tivera o nome lançado pelo próprio Partido, afirma: “Fui o único que não manipulou a sua própria candidatura”. E complementando, diz: “Atendendo insistentes apelos de amigos do PTB, acedi de emprestar meu nome, para que pudesse disputar. Depois, evidentemente, me empolguei, porque fui envolvido, e procurei arregaçar as mangas, para poder ajudar ao Partido, uma vez decidido, eu tinha que cair na luta e lutar: lutar para valer, lutar para vencer e é isso o que eu estou fazendo”.

Diante da argumentação de que a anunciada empolgação pareceria exatamente o contrário, ou seja, omissão, reagiu da seguinte forma: “É

fácil responder: em primeiro lugar, eu poderia simplesmente dizer que não tenho dinheiro para gastar, ou, o Partido não tem dinheiro para gastar, é um Partido pequeno, etc... Mas não se trata disso, porque proporcionalmente, nós temos tentado fazer qualquer coisa”. E essa “qualquer coisa” é exatamente a publicidade no rádio, além da próxima participação do PTB nos horários destinados à propagação política na TV. Mesmo que o fator tempo agora seja irrisório para começar-se a veiculação de mensagens eleitorais.

Analisando as chances do PTB, mesmo falando numa zebra, admitiu que há a impossibilidade de eleição do governador, senador e até mesmo um deputado federal. Mesmo assim, supõe que a sigla fará “dois ou três deputados estaduais”, formando uma “cabeça de ponte para então projetar o Partido para o futuro”. Mas se esse futuro depender da vinda da presidente nacional do PTB, Ivete Vargas, a Natal, talvez essa seja mais uma dificuldade no caminho do Partido. A esse respeito, Vicente Cabral admitiu a quase total impossibilidade, em virtude de que, candidata a deputado federal, Ivete está tão empenhada em sua própria eleição, em São Paulo, que certamente não teria condições de vir ao Estado, para um comício dos trabalhistas. Um hipotético e único comício.

**O POVO COBRANDO** — Questionado quanto ao fato de haver-se inscrito a concorrer ao Governo, quando, a nível pessoal, melhor seria, em termos de futuro político, que tentasse a Assembléia Legislativa ou a Câmara Federal, disse que não tem pretensões pessoais de ocupar um cargo público, apesar de já ter sido vereador em Natal por duas legislaturas, deixando a política “para não continuar a enganar o povo”. E explicou: “Enganar, não digo nem no bom sentido, porque não se engana a ninguém com um sentido bom. Mas era porque eu era vítima de promessas do Prefeito, na época Agnelo, depois Ernani Silveira, que prometiam tudo.



**Vicente Cabral: a fé que quase ninguém tem**

Então, pegado na palavra pelos correligionários do PTB, viu-se então de uma forma ou de outra disputando o Governo do Estado, cedendo diante do argumento que relatou: “Mas como Executivo, você vai fazer, não vai pedir a ninguém. E isso foi uma das coisas que me seduziram para que eu aceitasse”.

Ainda quanto a pretensões futuras, admitiu de qualquer forma que, um dia estabelecidas bases mais sólidas para o PTB no Rio Grande do Norte, poderá vir a disputar, quem sabe, a Câmara Federal: “Mas isso são coisas para o futuro. O Partido agora vai crescer e no seu crescimento nós cresceremos todos juntos. E há possibilidades de, futuramente, ninguém poder dizer “desta água não beberei”, de me candidatar a deputado, se Deus quiser”.

A respeito da possibilidade do PTB estar funcionando como elemento fracionador da Oposição e praticando

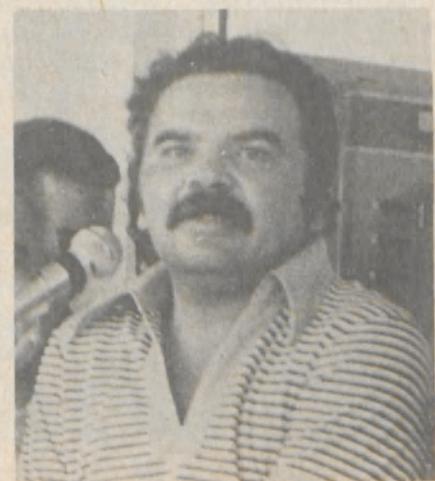
# O PESO DOS PEQUENOS

O papel dos pequenos partidos tem sido até o momento inexpressivo na campanha eleitoral do Rio Grande do Norte. Mas a posição dos seus dois principais representantes — Rubens Lemos, pelo PT e Vicente Cabral, pelo PTB — tem alguma coisa de peculiar. No caso de Rubens Lemos, a sua combatividade pessoal, a sua militância política sempre em favor de teses progressistas, tem lhe valido marcantes simpatias da parte do eleitorado estudantil e de algumas faixas simpáticas às esquerdas. Do mesmo modo, grupos que, por algum motivo, não se dispõem a um apoio aberto a Aluizio Alves nem querem chegar ao extremo de declarar-se favoráveis ao Governo e seu PDS, se inclinam por Rubens Lemos, seu PT e suas mensagens. Os comícios e manifestações do PT não têm atraído grandes multidões. E no comício em que procurou atrair seus adeptos com a presença do presidente nacional do partido, Luiz Inácio da Silva, no dia 22 de outubro, no Grande Ponto, a sua mensagem foi, por assim dizer, bastante ecumênica, politicamente. Na propaganda para o comício, os locutores dos carros de som apelavam para que “todos os natalenses estivessem presentes, fosse do PDS, fosse do PMDB”. A tática não surtiu o efeito esperado, porque só mesmo os grupos que se sensibilizam com a mensagem do PT — particularmente estudantes — foram ao Grande Ponto.

O PONTO DE ATRITO — E quem não foi ao comício do PT naquela tarde-noite de 22 de outubro deixou de testemunhar um dos lances que causou mais polêmica na última fase dessa campanha eleitoral. Foi quando Rubens Lemos, entusiasmado, deu início a série de denúncias sobre pressões e supostas tentativas de suborno por parte da cúpula do PMDB para que renunciasse a sua candidatura. A partir daí surgiram desentendimentos de toda ordem, com o PDS, como é óbvio, procurando extrair dividendos políticos e o PMDB numa situação meio incômoda, porque se tratava, teórica-

mente, de um componente do núcleo geral oposicionista, embora de outra sigla partidária. Isso marcou, mesmo assim, a presença do PT. E positivou que, mesmo com um pequeno número de adeptos, tem o partido uma significação que vale à pena motivar os dois partidos-gigantes em torno dele, cortejando-o. O termo cortejando-o é realmente o mais apropriado, porque nem PDS nem PMDB ousa investir contra o PT, por saber da sua atual fortaleza moral e da viabilidade de tê-lo como amigo — ou pelo menos não inimigo frontal e ferrenho — e não como adversário.

As posições do PT no Rio Grande do Norte não são exatamente românticas. Se, muito realisticamente, seus partidários sabem que não há possibilidade de abocanhar uma fatia significativa dos votos na disputa para o Governo, há a convicção de chances bem reais de fazer, pelo menos, um deputado. Além disso, o agrupamento é bastante combativo. E treina na militância grupos politizados de seus simpatizantes, que se aprofundam nas questões e, dessa forma, vão tomando consciência mais nítida do atual processo. É um papel de maior utilidade, sem dúvida que, de outro lado, não vem sendo desempenhado no PTB, um partido que, antes de cunho muito popular, ganhou as características de sistema fechado no Rio Grande do Norte pelas circunstâncias da sua formação.



literalmente o voto útil para o PDS, justificou o fato com o argumento de que a legislação eleitoral exige que cada sigla apresente candidatos em todos os níveis, e assim os trabalhadores não teriam como escapar às determinações legais: “Não vejo nisto nenhuma possibilidade de estarmos prejudicando algum companheiro de Oposição, mas somando, para o futuro, para formarmos um grande Partido, o Partido Trabalhista Brasileiro”.

Afinal, fazendo uma convocação ao trabalhador norte-riograndense, manifestou acreditar que o PTB é o Partido que realmente representa os anseios da classe. Continuando, apelou para que mesmo os que não têm militância política incorporem-se às propostas dos trabalhistas, aproveitando as próximas eleições para tentar modificar o quadro sócio-econômico-político no Rio Grande do Norte. Afinal, pode-se tentar. Pode dar uma zebra.

## AFINAL, FINALMENTE

DORIAN JORGE FREIRE

Afinal, o Rio Grande do Norte vai eleger o seu governador. Depois de 18 anos de bioncidade madrasta, que de razoável com Cortez Pereira, sofrível com Tarcísio Maia, terminou desabando no Governo irremediavelmente ruim de Lavoisier Maia.

Ufa, finalmente, que não era sem tempo. Acabou a desastrada experiência biônica, útil (apenas) para provar, concretamente, que o povo, mesmo no quadro de suas limitações conhecidas e desconhecidas, escolhe melhor do que aqueles que tomaram o poder manu militari e nele querem continuar indefinidamente, sem prestar contas de suas ações e de suas omissões.

Não será a eleição dos sonhos democráticos do Brasil. Não será, ainda agora, a eleição ideal. Mas a eleição possível. Um pleito viciado por casuísmos extraordinários, por sujeições indevidas, por irremediáveis chicanas.

A vontade popular não será demonstrada em sua plenitude, impedida pela Lei Falcão, pela inuldade da vinculação de votos, pela inqualificável proibição das coligações partidárias. Principalmente, muito principalmente, pela derrama de dinheiros públicos (e dinheiros particulares viciadíssimos) a serviço do continuísmo, do autoritarismo, da mais grosseira empulhação da opinião pública.

Seja lá como for, o povo irá às urnas e caçará com gato, uma vez lhe roubaram o cão.

No Rio Grande do Norte, há a lamentar não se tenha aproveitado a oportunidade eleitoral para uma discussão dos problemas políticos, sociais, econômicos do País e do Estado.

Ao invés disso, escolheu-se o desamorismo. A retaliação pessoal. A fuxicaria. O xingatório. Slogans sem conteúdo, tão vazios quanto os seus autores e tão indigentes quanto os seus repetidores.

No princípio, houve a impressão de mudança. O candidato da Oposição, Aluizio Alves, produziu o melhor documento de toda campanha eleitoral no Esta-

do, que foi o discurso na Convenção que homologou a sua candidatura. Fez colocações sérias sobre a problemática social, econômica e política. Anunciou e analisou a sua proposta. Elaborou as grandes linhas de seu Governo participativo. Fez, ele também, sua opção preferencial pelos mais pobres.

Ou porque cansou, ou porque o seu adversário, José Agripino Maia, não conseguiu fazer um discurso político, armar um silogismo, defender uma só idéia, afogado na pobreza de seus slogans e na riqueza de sua publicidade, o certo é que o candidato do PMDB, do meio para o fim de sua campanha, passou a dançar conforme a música.

E os problemas do País, do Estado e do povo que-daram abandonados, desconhecidos, sob desprezo.

Consequência: estamos no fim de uma campanha sem grandeza, incompetente, bisonha, mais das vezes injuriosa aos pobres e desrespeitosa à serenidade e à compostura da família do Rio Grande do Norte.

Resta-nos esperar, agora, que o melhor vença. E que passado o pesadelo da bioncidade opaca, o novo Governo se volte com exclusividade de atenções, para os problemas populares, cada vez mais desafiadores e terríveis.

O que o Rio Grande do Norte quer de seu futuro governador é trabalho sério, honestidade no trato do dinheiro do erário, uma visão social de seus grandes problemas, um compromisso de honra com a democracia, respeito aos adversários e respeito ao povo maltratado.

A eleição de 15 de novembro custou ao povo do Brasil muita luta, muito sofrimento, muitas vidas. Que elas sejam utilizadas para mudar, para arrancar o Estado desta miséria absoluta em que ele se afoga.

Que elas sejam utilizadas, afinal e finalmente, para arquivar os rincões prontos de Ionesco, que há quase dois lustros fazem mal, muito mal ao Rio Grande do Norte.

Assim seja.

# CRIADO O PRIMEIRO CENTRO DE LAPIDAÇÃO DO ESTADO

O fato do Rio Grande do Norte estar teoricamente encravado num bloco de granito, como também registrar expressivas ocorrências de pedras preciosas e decorativas, consideradas de excelentes qualidades, levou o Governo Lavoisier Maia, por intermédio da Secretaria de Indústria e Comércio e CDM a criar no Seridó, de forma pioneira até no Nordeste, o primeiro Centro de Lapidagem e Artesanato Mineral do Estado. A iniciativa objetiva formar mão-de-obra especializada para trabalhar na atividade e a técnica desenvolvida é tão aperfeiçoada que, sem dúvidas, num futuro bem próximo levará os trabalhos à escala industrial, beneficiando também o nosso granito — entre eles o nobre — produtos de altas cotações comerciais.

Por ser uma cidade eminentemente de potencialidades minerais, Currais Novos foi contemplada para a instalação do Centro de Lapidagem e Artesanato, o qual já funciona há um mês sob forma de escola, congregando 60 alunos, divididos em duas turmas: uma de Lapidagem e outra de Artesanato. Os alunos, orientados por dois professores especialistas, já lapidam pedras preciosas e ornamentam pedras decorativas. Com o aperfeiçoamento da técnica poderão ser exímios profissionais e entrar num mercado em tão franca expansão.

**AMANHÃ INDÚSTRIA** — O Centro de Lapidagem e Artesanato do Seridó tem como principal objetivo formar mão-de-obra especializada nessas duas atividades. Ora, se a matéria-prima — a pedra — é abundante, por que não trabalhá-la? E já estão trabalhando com elas, quer seja lapidando-as ou ornamentando-as. Como no Centro desenvolve-se uma técnica bastante aperfeiçoada de trabalhar pedras, entre elas o granito comum e a nobre, a mão-de-obra a ser formada, daqui há seis meses terá condições técnicas de trabalhar a nível industrial. Essa é também mais uma forma do Governo do Estado, através da Secretaria de

Indústria e Comércio, atrair indústrias para cá, considerando que a mão-de-obra especializada teremos, e bastante especializada.

Para se ter uma idéia do grau de aproveitamento dos alunos do Centro de Lapidagem, as peças por eles feitas — nos primeiros trinta dias de aula foram todas comercializadas na Festa do Boi, recentemente ocorrida em Eduardo Gomes. O Governo do Estado está adestrando essas pessoas para serem profissionais liberais ou mesmo integrarem o quadro de empresas que possivelmente venham a se implantar no Estado, beneficiando, industrialmente, como por exemplo o granito.

**OUTRO NO OESTE** — Em Currais Novos, foi grande a procura de pessoas para fazerem o curso do Centro de Lapidagem, pois sabiam que iriam aprender uma profissão rendosa de um mercado promissora.

E dada a comprovada ocorrência de granito, de pedras ornamentais e preciosas no Oeste, para lá será levado também um Centro de Lapidagem e Artesanato Mineral. Ficará em Tenente Ananias, região onde se registra a ocorrência das melhores pedras preciosas do País, destacando-se as propaladas águas marinhas.

Daqui há seis meses o pessoal que iniciou o curso em Currais Novos deverá concluí-lo, ficando apto a trabalhar como profissional autônomo. O que fizer tem comercialização garantida, pois, inclusive, sua produção será comprada pela Cooperativa Artesanal do Estado. E num futuro bem próximo espera-se o aproveitamento dessas pessoas a nível industrial, basta que as empresas despertem o interesse pela atividade e o Governo luta por isso. Mão-de-obra altamente especializada não irá faltar.





Uma reunião que teve um tom muito solene

## CONJUNTURA

# Recessão foi tema para a reunião de empresários

Uma palavra temida por empresários — “recessão” — foi pronunciada centenas de vezes durante o encontro realizado no dia 12 de outubro em Natal, pela Confederação Nacional da Indústria, aliado ao Seminário de Exportação que reuniu empresários no auditório do SESI/SENAI. Repetida desde que se iniciou o processo de endividamento do País, com reflexos em todos os setores da economia nacional que motivou uma inflação de três dígitos e que permanece fiel em dois, está agora ameaçada de tornar mais caótico ainda o quadro recessivo. Uma forte expectativa cercou os empresários diante de tantos prenúncios feitos pelos industriais para os novos rumos da economia, principalmente do Sul do País e que

### AYRTON BULHÕES

detém mais de 70 por cento da força produtiva do País.

Ilhados por diversos problemas, como falta de crédito nos bancos oficiais, taxa de juros alta, sem poder realizar descontos de duplicatas, além do mais sentindo falta de mercado para os poucos produtos que o Estado exporta, a preocupação com a “recessão” não ficou limitada só a esta palavra, mas também ao termo “austeridade”, pronunciado repetidas vezes nas diversas entrevistas dadas pelo Presidente em exercício da Confederação Nacional da Indústria, Mário Garnero. Os empresários potiguares se ressentem a exemplo

de seus colegas de outros Estados, do arrocho econômico anunciado para o próximo ano e que não deverá se limitar somente para 1983, mas com previsões mais sombrias ainda: “Levaremos de dois a três anos para ajustarmos a economia a nova ordem econômica”, refletiu Mário Garnero.

Vivem os empresários locais de uma forma geral momentos de incer-



Murilo Macedo: para tranquilizar

teza, apesar de já estar sendo experimentado algum alívio em vários setores, como exportação de scheelita, sisal, além de outros produtos. O comércio natalense, onde os empresários do setor resistem mesmo cercados diante de tantas restrições tem de qualquer forma rotatividade mas já amargam falta de crédito para trabalhar com bancos — seja comercial ou oficial — e medidas inócuas como as tomadas pelo Banco do Brasil, sem liberar recursos que já estavam previstos, mas que foram retirados e a custo de pressão política foram liberados.

O alerta dado pela CNI, de que as taxas de juros vigentes no mercado financeiro, aliadas às notórias dificuldades para a exportação, fazem com que se tema pelo desaparecimento de outras unidades fabris na região, trazem ainda previsões mais sombrias.

**AGRAVAMENTO** — O agravamento da atual situação de penúria em que vive o Nordeste, onde as medidas tomadas pelo Governo Federal, atingem os empresários, com muito mais vigor, foi lembrada pelo Presidente da Fiern, Fernando Bezerra: "Não podemos permitir que tenhamos de sofrer mais restrições com a retirada dos incentivos dados pela Sudene ao empresariado da região".

Lembrou ainda Fernando Bezerra que se os problemas atingem sobremodo todo o País, o Nordeste não pode sofrer por essas perdas: "Apesar das dificuldades inerentes ao comércio internacional, cumpre assinalar que a região tem mantido a sua participação de 12 por cento sobre o total das exportações do País, aliada a um saldo superavitário da sua balança comercial. A nossa região tem, portanto, expandido a sua atividade eco-



### Empresários atentos e apreensivos

nômica sem onerar a disponibilidade de divisas do País". Saliou ainda que dentro desse quadro, o Rio Grande do Norte tem atingido índices expressivos de crescimento de suas exportações, havendo os bens manufaturados duplicado sua participação na pauta de produtos. Esses resultados devem ser creditados aos empresários que aprimoraram os seus conhecimentos sobre os mercados externos, desenvolveram novas linhas de produtos, reduzindo custos e, por fim, adquiriram competitividade.

Diante desse quadro ele defende que as medidas a serem tomadas não tenham a mesma horizontalidade, mas que sejam diferentes para cada região — bandeira de luta que deverá ser defendida também pela CNI, solidária com as dificuldades que incorporam cada setor, industrial, como assinalou também Mário Garnero. Como medida emergencial de apoio ao saneamento financeiro das empresas atingidas defende um documento levado pela CNI, aos ministros da área econômica que seja examinada pelos bancos oficiais sob controle da União e dos Estados a viabilidade de converter em participação societária uma parcela de seus créditos correspondentes a contratos de financiamentos celebrados com empresas industriais de pequeno e médio portes, obedecidos os critérios seletivos que venham a estabelecer.

**AUSTERIDADE** — Que medidas poderão ser tomadas para enxugar o mercado, tirar dinheiro de circulação,

resultando num controle da inflação? Esse era o questionamento principal feito pelos empresários. De antemão, sabe-se que o ajustamento para o próximo ano, prevê o corte de importação de petróleo, medida já confirmada dias depois pelo ministro das Minas e Energia, César Cals. O Brasil importará este ano entre 500 e 600 mil barris, porque precisa economizar divisas. Isso implicará em algum sacrifício e o mais lembrado era de



### Agenda: problemas



que teremos um racionamento de combustível. O racionamento viria atingir a combalida indústria automobilística que luta para sair do vermelho desde 1981.

A extinção da semestralidade dos salários dos trabalhadores, embora tenha sido reiteradas vezes negada pelo Ministro do Trabalho, Murilo Macedo, além da retenção do FGTS, são providências também temidas. O corte dos gastos públicos já amplamente anunciados pelo Governo Federal, principalmente nas empresas estatais, portanto promovendo desemprego e depois repassando as empresas privadas, também já é dado como certo.

**CUSTO** — Outro posicionamento expressado pelo Presidente da Fiem, foi a que custo deveremos pagar por esse ajustamento monetário preconizado: "Estamos convictos de que não é lícito sacrificar nosso projeto de desenvolvimento à política monetária recomendada por organismos internacionais". Essa preocupação, que é voz unânime do empresariado nacional, e também de Fernando Bezerra, quando argumenta que o nosso sacrifício não poderá ir ao ponto de aguçá-la a crise social por que passa o País: "Entendemos que o projeto de desenvolvimento é irrenunciável e que a crise social brasileira merece tratamento de urgência, entre classes e entre pessoas". Por outro lado alguns sacrifícios, admissíveis nacionalmente, são inexigíveis na região Nordeste, "pois se, para outros, as restrições significam redução do ritmo de crescimento, para nós significam agravamento dos índices de pobreza", conclui.

**EXPORTAR** — Para Mário Carneiro, ao encerrar o encontro de exportação, é necessário que o Governo pense em conseguir superavit na balança comercial, porém não arriscando a vender para países em desenvolvimento, e sim, para aqueles que tenham realmente capacidade de pagar. O estudo se viabilizado pela CNI, quando sugere um programa para capitalização da Micro, Pequena e Média Empresa Nacional, reforça uma tese de que o Governo deve desenvolver esses pequenos empresários que poderão ser uma saída e um estímulo ao crescimento de indústrias paralelas e que estão atualmente sacrificadas.

Nesse sentido serão revistos um exame dos preços mínimos fixados



### Gravidade nos trabalhos

pela Comissão de Financiamento da Produção que seriam equiparados aos da região Centro-Sul, na condição de pagamento à vista ou a prazo de 90 dias acrescido das despesas financeiras cabíveis. Como instrumento de capitalização dessas empresas, a curto prazo, o assunto poderia ser solucionado via subscrição de ações amparadas nas seguintes alternativas: pela Caixa Econômica Federal, com recursos alocados pelo PIS, BNB e BASA, incluindo recursos do Finor e Finam e estabelecimento imediato de uma elevação de 40 por cento dos atuais limites para descontos

de duplicatas, no Banco do Brasil, Banco do Nordeste e da Amazônia.

Acredita a CNI que essas medidas, postas em prática, embora um pouco fora das práticas normais, virão de maneira urgente devolver o equilíbrio econômico de empresas tradicionais da região, trazendo inúmeros benefícios à comunidade e a abertura sólida de perspectivas para a exportação. Mas, ao mesmo tempo que prega o reforço de caixa para os pequenos empresários foi proposto ao Governo pela Confederação a implantação do Programa de Participação no Desenvolvimento Nacional — Prodena. Este viria à semelhança do PIS, guardar a natureza básica de um fundo de participação constituído em benefício dos trabalhadores, mediante contribuição das empresas, incorporando, entretanto, modificações e aperfeiçoamentos que a experiência parece recomendar.

Ainda sobre o fortalecimento das micro, pequenas e médias empresas um dado oferecido pela CNI, é que nos últimos cinco anos 10 empresas tradicionais das regiões Norte e Nordeste, encerraram suas atividades tendo como consequência a extinção de 14 mil empregos; o que recomenda todos os esforços sejam dirigidos para a sobrevivência das empresas já instaladas. Portanto esta injeção que pretende conseguir a Confederação junto ao Governo é visto como única via de escape para que o pequeno empresariado não sucumba diante dos maus presságios de 1983. Somando-se a isto está a grande busca de tentar exportar mais para garantir ao País divisas e empregos, a fim de afastar o agravamento social com o desemprego em massa.



### O apoio a industrialização discutido

# TRÊS ANOS DE AUSTERIDADE

“Vamos passar dois ou três anos de completa austeridade e isto vai representar um grande sacrifício não apenas do setor privado, como do setor público e da sociedade brasileira em geral”. A opinião é do presidente da Confederação Nacional da Indústria, Mário Garnero que é também presidente da holding — Brasilinvest — que controla várias empresas nacionais, tendo adquirido por último o controle acionário da NEC do Brasil, ao falar a RN/ECONÔMICO. Outro empresário ouvido foi o Presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, Luís Eulálio Bueno de Vidigal, que confirmou: “Estamos no limite da nossa resistência e não vejo outra saída senão exportar mais para que a indústria nacional ganhe ritmo assegurar empregos e sobrevivência, além de atrair divisas”.

Salientou Mário Garnero, que estamos vivendo uma fase de ajustamento enorme, principalmente depois da crise do petróleo deflagrada pelos árabes em 1973. Depois o aumento da taxa de juros e uma diminuição do comércio internacional. O que pode piorar mais para as empresas não quis vaticinar, Garnero, porém foi incisivo — “vai depender muito da captação de recursos externos”. Para isso os mecanismos preventivos de defesa contra a maxidesvalorização já foram acionados e com esses recursos garantidos sem dúvida o empresariado terá condições de ativar um pouco a economia nacional. Com relação a proteção que deve ser dada ao Nordeste enfatizou o Presidente da CNI, que além de se não praticar uma política de horizontalidade para todas as regiões deve o Governo também nem pensar numa política de austeridade para a região que já sofre dissabores extemporâneos como seca, entre outros fatores. Acha Garnero que o cuidado a ser implementado pelo Governo na sua política monetária para os próximos três anos deverá ser para tentar reduzir de uma vez a infla-



ção e isso é uma tarefa a ser enfrentada por todos.

APERTADA — Confirmou também que não tem qualquer dúvida de que esta é a fase mais apertada da economia brasileira. “Porém a história do Brasil, ensina que devemos superar mais essa dificuldade”. Com relação às empresas que vêm sendo fulminadas ou que devem temer mais as medidas que virão, disse que, sem dúvida, as de bens de consumo serão duramente prejudicadas além das de bens de capital que estão completamente no limiar de sua resistência. A respeito da extinção do reajuste semestral, ponderou Garnero que este não deve se acabar, “temos uma posição de que este deve continuar e em alguns casos ser livremente negociado entre empresários e trabalhadores.

O Presidente da FIESP, Luís

Eulálio Bueno de Vidigal, disse que essa é a maior crise já sentida pela indústria nacional, além de nos colocarmos em posição de tentar exportar mais. Indagado se os empresários poderiam dispor de crédito, e o que poderia piorar mais ainda foi incisivo: “Crédito não existe, portanto não é uma questão de piorar mais”.

Para Luís Eulálio, ele não é futurologo, portanto não teria condições de medir até quando as empresas aguentarão a recessão. Porém, afirma que as novas medidas serão muito mais sentidas pelas indústrias, não tem dúvida.

O representante da Carteira de Comércio Exterior — Cacex — do Banco do Brasil, José Coimbra, aduziu também que a exportação é a meta prioritária do Governo brasileiro e para isto ele sempre estará criando meios para fortalecer esse comércio. Fazendo previsões otimistas, observou que o comércio internacional deverá se beneficiar com a redução dos juros bancários internacionais: “Isso já deve ampliar um pouco o comércio entre os países e estaremos também se ajustando às novas conjunturas e acordos bilaterais que algumas nações estarão fazendo para aumento do seu comércio. Nesse sentido o objetivo dos acordos bilaterais deverá equacionar dois problemas básicos: que se refere a barreira não tarifária, sobretudo no campo administrativo e no campo das garantias de pagamento. “Se for liberalizado o comércio” — acrescenta Coimbra — “através da eliminação de barreiras, garantida a liquidez, através de convênios de pagamento o comércio deverá fluir mais livremente.

Disse ainda que não existe diferença entre o empresário do Sul e da nossa região. Existe apenas um fato é que eles exportam mais pela sua produtividade e pela experiência: “O incentivo a exportação é de natureza administrativa, cambial, fiscal e creditícia, contemplando a exportação como um todo”.

## Uma super-empresa está se preparando para agir

O setor pesqueiro está para sofrer um impacto no Rio Grande do Norte. Um grupo de jovens empresários está dando os últimos retoques



### INVESTIMENTO

## O susto na Caderneta

Com tantos boatos em torno do que o Governo vai ou não fazer em termos de novos mecanismos na política financeira do País, visando equilibrar as suas contas internas, um deles — surgido no princípio de outubro — chegou a provocar alguns arranhões. O congelamento dos depósitos nas Cadernetas de Poupança foi, realmente, um desses boatos desconcertantes. Para a felicidade das associações de poupança, foi um boato que não chegou a circular entre a grande massa de depositantes. Mas, em alguns pontos do País — e até mesmo aqui perto, no Recife — tornou-se necessária a publicação de notas pagas nos jornais com desmentidos peremptórios, porque chegou-se a detectar um princípio de pânico e uma corrida anormal de pessoas aos guichês em busca de informações mais concretas. Diante da perspectiva de um desastre, Nelson da Mata, responsável pela regional das associações de poupança, divulgou uma nota de esclarecimento.

**RECEIO ANTIGO** — Se o boato explode com sabor de novidade, o receio de tal medida, entre os especialistas em investimento, é antigo.

As mais recentes informações indicam que a tendência é para favorecer a Caderneta de Poupança.

# Obrigado

Tendo iniciado há pouco mais de 5 anos suas atividades na cidade de Natal, a Alpargatas Confeções Nordeste S.A. - ALCON foi considerada em 1980 a segunda empresa do setor de Confeções, mas agora acaba de ser consagrada como a primeira empresa de 1981, pela edição de Maiores e Melhores da Revista

dumbo

## ALPARGATAS CONFE

O melhor desempenho do setor

para a formação de uma empresa que vai atuar em grande escala na industrialização da pesca no Estado. O mais importante é que, segundo pôde colher **RN/ECONÔMICO**, essa nova empresa pretende introduzir avançada tecnologia no seu esquema operacional. Desde barcos modernos ao funcionamento das diversas etapas serão de acordo com uma sistemática inteiramente nova, maquinaria sofis-

ticada e computadores. Os estudos estão bem adiantados, com sondagens de mercado e o levantamento das viabilidades. Mas uma empresa desse porte e com seus objetivos tem de se defrontar com grandes dificuldades iniciais. A maior delas, naturalmente, é o montante do investimento em equipamento. Tão delicado como esse aspecto, contudo, é o da formação de mão-de-obra.

## TELECOMUNICAÇÕES

### O mistério das contas

Depois da Caern e da Cosern, chegou a vez da Telern. E agora também a empresa de telecomunicações está recebendo uma série infundável de protestos, em Natal e no interior, contra as contas mensais que está cobrando. Protestos gerais. Todo mundo reclamando muito do valor das contas e, principalmente, de algumas ligações telefônicas que juram nunca ter sido realizadas.

Desde há alguns dias se pode notar, no escritório natalense da Telern, um movimento acima do normal. Gente muita indo até lá, a conta em punho, pedindo explicações para essa ou aquela ligação interurbana incluída no recibo. Ligação cara, caríssima, e que o usuário garante que nunca fez. Há até o exemplo de um comerciante, dono de uma pequena loja no Alecrim, que mês passado teve na sua conta telefônica uma ligação para os Estados Unidos. E ele nunca telefonou para os Estados Unidos e nem recebeu, de lá, qualquer ligação a cobrar.

**UM MISTÉRIO** — A Telern, no entanto, não se perturba. E diz que tudo o que está na conta telefônica de qualquer usuário, aqui ou alhures, cobra-se. Porque não pode haver erros, que o computador da empresa é infalível.

As reclamações dos usuários, os funcionários da Telern fazem cara de espanto e dizem, simplesmente, que nada podem fazer. Se o telefonema foi cobrado, explicam, é porque houve o telefonema. E ponto final.

Os usuários, no entanto, não se conformam. E reclamam. Reclamam muito, por sinal. Dizem eles, todos eles, desconhecem as formas de cobrança da Telern e não acreditam, portanto, na "infalibilidade do computador". Um professor universitário, que preferiu não identificar-se "para não criar problemas", jura que nunca telefonou para São Paulo cinco vezes seguidas, num só mês. Na sua conta telefônica, porém, os telefonemas estão lá, anotadinhos, um após o outro. E como provar que ele não se comunicou com nenhum paulista, cinco vezes seguidas, num só mês? (Luís Fausto M. F. de Andrade). □

# lo, Natal.

Exame. Isso foi possível graças ao esforço dos 2.555 funcionários que operam em nossas 2 Fábricas de Natal, bem como à real colaboração dos órgãos públicos e sindicatos de classe. Por isso estamos felizes e bastante gratos a esta terra, seus dirigentes e a sua laboriosa gente amiga.

**CCÇÕES NORDESTE S.A.**

de confecções no Brasil, em 1981.

## As casas vão surgindo e os problemas também

Cada novo conjunto habitacional inaugurado em Natal é um conjunto de problemas para a Prefeitura e o Governo. O Plano Diretor da cidade, que levou mais de 10 anos em estudos, já está desatualizado nem bem sofreu a última série de adaptações ou foi posto em prática. Os urbanistas de Natal — como o vereador Sérgio Dieb, entre outros — têm se mostrado profundamente preocupados com as deformações sofridas por uma cidade que, no dizer de alguns deles, “está se angustiando sem necessidade”. Exemplifica-se com a Via Costeira, há pouco tida como a própria salvação turística de Natal, novo paraíso de hotéis e de lazer, atualmente transformada em pista de corrida, esconderijo de marginais, sempre varrida pelas areias das dunas. Com a cidade espichando justamente num momento de aguda crise econômica e

de transição política com o processo eleitoral, há problemas — como o do acesso aos conjuntos habitacionais — que só tendem a se agravar. E esse agravamento não é acompanhado das perspectivas de solução, porque os empresários de transporte coletivo se sentem desestimulados com a política de reajuste de tarifas dependendo da situação político/eleitória sem que o aumento dos combustíveis, peça de reposição e salário do pessoal tenha a contrapartida de contenção.

**COMO ACOMPANHAR** — Os problemas de crescimento têm exigido esforços de diversas áreas e implicado em desânimo pela possibilidade em solucioná-los. Um engenheiro da Prefeitura coloca a questão da seguinte maneira:

“Um problema sempre traz vários

outros paralelos, todos difíceis. Cada melhoria na estrutura da cidade é resultado de investimentos conseguidos com muito sacrifício. E os problemas gerados por essa melhoria não podem ser resolvidos satisfatoriamente porque os recursos já foram gastos com a obra original”.

Um modo de demonstrar essa situação está no surgimento do conjunto habitacional Cidade Satélite. Era um núcleo habitacional para ser entregue há três anos. Desde o seu planejamento original que teve a pouca sorte de deparar-se com dificuldades — a primeira das quais foi na localização do próprio terreno, que estava bem no coração de uma extensão do abastecimento d’água da cidade. Depois que foram superadas todas as etapas, houve problemas de recursos. Até que, já na fase final, ocorreram desencontros entre o Inocoop e a Caixa Econômica para a liberação dos imóveis. Por fim, quando começa o povoamento do conjunto, eis o problema desdobrado: falta de transporte, falta de estrutura de abastecimento. Os moradores reclamam que só têm os poucos ônibus já retirados dos outros conjuntos.

É o conjunto de “problemas desdobrados” de que falam os técnicos. E, parece, insolúveis. Informa um deles que, para atender ao Cidade Satélite e ao conjunto Pirangi/Jiquí, além de Neópolis, a empresa do setor terá de fazer investimentos pesados em novos veículos.

“E — arremata ele — com o atual



Cidade Satélite: ônibus mínguados



preço das passagens e componentes, quem se arrisca a fazer tais investimentos?"

**A CORRERIA** — A consequência mais imediata é que Natal está perdendo a condição de uma das únicas cidades no Brasil que desconhecia filas e grandes ajuntamentos nos pontos de ônibus. Antes, só a Parada Metropolitana e na frente do Cemitério do Alecrim, conforme lembram os técnicos, se registravam ajuntamentos esperando ônibus, o que é comum em outras cidades de porte médio.

— Mas, agora, o natalense está aprendendo a disputar o seu lugar no ônibus.

Isso quer dizer que Natal já tem o

famoso "rush" que tanto tortura quem trabalha os dois expedientes e tem de depender do ônibus as quatro vezes por dia. A consequência mais palpável é o aumento das discussões, dos choques entre passageiros e cobradores, das doenças nervosas e até mesmo de uma maior fuga para o álcool. É o que os psicólogos chamam de "neurose urbana" que Natal desconhecia inteiramente. Em parada como a da Ulisses Caldas — quase esquina com a Rio Branco — já é possível anotar lutas sem trégua e sem tempo para cavalheirismo entre pessoas que anseiam por um lugar no ônibus — se possível para sentar — para as longas viagens aos núcleos habitacionais mais afastados.



**As vezes há ônibus e pouco passageiro**

**AQUI ESTÁ O MATERIAL QUE VOCÊ PRECISA**

Louças e metais sanitários; Pisos revestimentos; Tintas, tubos e conexões, além de outros produtos para sua construção.



Procure a Saci, onde Natal compra.

**SACI**  
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO  
Matriz: Rua Pte. Bandeira 828  
Tels.: 223-3628 / 3627 / 3628  
Filial: Av. Rio Branco 304 / 310  
Tels.: 222-2284 / 3367

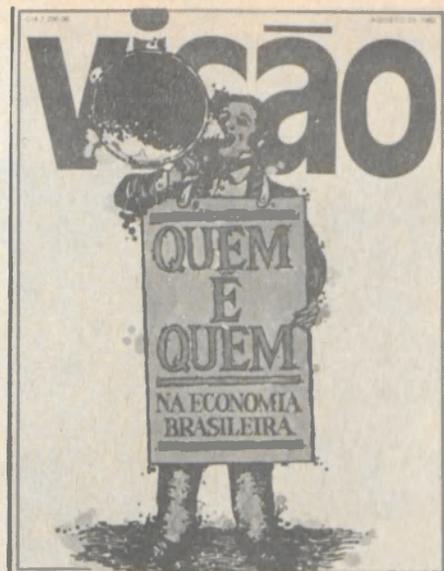
# Relação: "Quem é Quem" dá bom lugar para o RN

O Rio Grande do Norte, por ser um Estado tradicionalmente agrícola, não está de todo mal colocado no "Quem é Quem" da economia brasileira, tradicional levantamento anualmente da revista Visão e tido como uma espécie de guia em sua especialidade. Cerca de 25 empresas do Estado aparecem bem posicionadas no que é considerado o maior levantamento das empresas do Brasil. O destaque é para o setor Têxtil e Vestuários, arrolados num só bloco e onde aparece com mais frequência o Rio Grande do Norte como sede de empresas. No setor de vestuário (confecções) a participação de empresas potiguaras é expressiva no cômputo, porque, além do mais, o número total é relativamente pequeno, se comparado com os outros blocos. No setor de vestuário atuam, segundo o

"Quem é Quem", 114 empresas no País, sendo 112 de capital nacional. A queda global do faturamento e do lucro também foi inferior a de 1980 (o "Quem é Quem" aborda o ano de 1981). Tais aspectos, contudo, só fazem demonstrar a vitalidade das empresas do Rio Grande do Norte, aparecendo na relação a Guararapes, Alpargatas, a Sparta, T. Barreto, Soriedem, Inharé.

**MAIS PRESENCAS** — No setor de Fiação e Tecelagem aparecem: Seridó, Sporb, Famosa, Algodoeira São Miguel, Fiação Borborema.

Só nesses dois setores o Rio Grande do Norte tem 11 empresas na relação. Mas também está razoavelmente posicionado na área de produtos alimentícios, que compreende vários subsectores. Aparecem a Natal Ind.



S. A., a Cia. Riograndense de Carnes Derivados. Em açúcar e álcool, estão a Usina Estivas, a Cia. Açucareira Vale do Ceará-Mirim, a Destilaria Outeiro. Em óleos vegetais estão a Salha S. A. Ind. e Comércio de Óleos e a Salha S. A. Ind. Comércio Óleos Agrícolas.

Entre tantas empresas, sem dúvida que o Rio Grande do Norte demonstra já estar mais do que engatilhando em seu parque produtor. □

## CONSULTE O SINE

O Sistema Nacional de Emprego é um programa do Ministério do Trabalho, sem fim lucrativo que visa atender as necessidades das Empresas no que se refere a obtenção de Recursos Humanos, para preenchimento do seu quadro pessoal. Estamos oferecendo um vasto cadastro de mão-de-obra nas mais variadas ocupações para atender as necessidades de sua Empresa. Ligue 222.1006 ou 222.3442 e tenha profissionais qualificados ou semi-qualificados e adequados com a solicitação formulada.

### GERENTE ADMINISTRATIVO

34.151 — solteiro, 2 anos de experiência  
37.518 — solteiro, 1 ano e 3 meses de experiência  
36.931 — desquitado, 3 anos de experiência  
33.451 — casado, + 6 anos de experiência

### INTÉRPRETE

30.627 — solteiro, 6 anos de experiência  
30.899 — solteiro, 6 anos de experiência  
30.272 — casado, 8 anos de experiência  
20.908 — solteiro, 3 anos de experiência

### ELETROTÉCNICO

15.937 — casado, 5 anos de experiência  
14.826 — solteiro, 8 meses de experiência  
16.804 — casado, 1 ano de experiência

### ENGENHEIRO QUIMICO

16.330 — solteiro, 1 ano e 6 meses de experiência  
15.471 — casado, 2 anos de experiência  
16.295 — solteiro, 1 ano e 1 mês de experiência  
15.495 — casada, 2 anos de experiência

### ESCRITURÁRIO

33.767 — casado, 5 anos e 2 meses de experiência  
31.454 — solteiro, 2 anos de experiência  
31.492 — casado, 10 anos de experiência  
31.480 — casado, 10 anos de experiência

### ABASTECEDOR DE SUPERMERCADO

7:79-90 — casado, experiência no Sul do País

### TÉCNICO AGROPECUÁRIO EM GERAL

18.238 — solteiro, 3 anos de curso  
18.456 — solteiro, 3 anos de curso  
20.256 — solteiro, 6 anos de experiência  
17.464 — solteiro, 3 anos de experiência

### ENGENHEIRO CIVIL

33.994 — solteiro, 6 meses de estágio  
33.136 — casado, 2 anos e 6 meses de experiência

### ENGENHEIRO ELETRICISTA

34.191 — solteiro, 1 ano e 7 meses de experiência

### ENGENHEIRO EM GERAL

33.917 — casado, 1 ano de experiência

### ECONOMISTA

20.950 — casado, + 3 anos de experiência

# Comércio dos usados não dá, ainda, sinal de reação

ROSEMILTON SILVA

A exemplo dos meses anteriores, o comércio de veículos novos e usados no mês que se finda também não foi dos melhores. Mas, no entanto, esse índice considerado baixo pelos revendedores, deverá ter uma subida nos dois meses seguintes com os novos lançamentos das montadoras e as campanhas que vêm sendo mantidas pelas revendas autorizadas, além de uma supervalorização do veículo usado não só pelas revendas que lidam só com esse produto mas também pelas próprias autorizadas. Essa queda se deve também, e primordialmente, pelas constantes altas nos preços dos automóveis e, conseqüentemente, valorizando mais ainda o veículo usado, que são justificadas por todos como uma maneira de acompanhar o ritmo inflacionário.

Por seu turno, o carro a álcool que, antes, não estava merecendo o menor crédito, até mesmo por uma campanha maciça e sistemática contra o produto, hoje já está abrindo um espaço maior com a iniciativa do Governo cortando vários impostos e, praticamente, deixando o preço pela metade do valor real para os motoristas de táxis. Com o aprimoramento do motor e a troca de algumas peças que realmente não funcionavam bem no veículo, o carro movido a álcool também ganhou novos adeptos na classe média que está sufocada com o preço da gasolina, já que o consumo e o preço estão quase superando em 30 por cento o da gasolina na média global.

**LANÇAMENTOS** — Passado o



**Diesel: nova opção**

mês de outubro, todas as montadoras já jogaram na praça seus novos produtos para o ano seguinte e, certamente por isso, é que muitos preferiram esperar a chegada para comprar seu veículo em 82 com o modelo para o ano seguinte. Os utilitários é que vêm merecendo maior atenção das montadoras já que há um mercado em crescente aumento e as Pick-Ups já chegam mais luxuosas e oferecem mais opções de conforto e estabilidade.



**O Fiat "Spazio": a maneira encontrada para aumentar o volume das vendas da Fiat Automóveis**

A Fiat foi a que mais renovou este ano e mostrou neste mês de outubro, em São José dos Campos, sua nova linha "Spazio", modificando até o símbolo brasileiro antes utilizado largamente e passando a utilizar seu símbolo internacional que são cinco frizos na tela dianteira. O seu presidente confirmou que não será desta vez que a fábrica deixará o Brasil, já que circulavam boatos neste sentido, e que o crescimento da montadora está em franca ascensão.

Embora não tenha acrescentado algum modelo novo, a Fiat se limitou apenas a fazer modificações consideradas radicais em toda sua linha e até mesmo o "design" de todo o veículo foi modificado, embora não tenha saído do original. Mas as modificações foram tantas que deixou o carro com um "toque novo" e até mais esportivo, como é o caso específico do "Spazio" TR, uma nova versão do "Racing Top". A Panorama que, segundo os representantes da montadora, é destinada a atingir a faixa feminina, principalmente as mulheres casadas, vai receber um grande apoio publicitário nesse sentido para justificar as modificações feitas, para melhor, no veículo de maior espaço da linha Fiat Automóveis.

**ARMA DA GM** — A General Motors também procurou modificar a sua linha. O lançamento do Monza feito no meio deste ano elevou as suas vendas mas não atingiu uma faixa considerada grande pelos revendedores que é a dos usuários do Chevette. Certamente por essa razão, é que a montadora procurou também fazer várias modificações neste seu produto, dando-lhe também um "design" mais parecido com o próprio Monza e de maneira que o veículo também ficasse mais esportivo ainda.

Por outro lado, os veículos da marca Chevrolet continuam recebendo os avais fiéis dos seus compradores que disputam palmo-a-palmo com os proprietários da concorrente mais próxima que é a Ford. No entanto, essa modificação feita no Chevette também deve ser para atender a um público que está, aos poucos, passando de um veículo maior para um menor, mas que também faz certas exigências para a compra de uma delas — principalmente esta — diz respeito ao item conforto.

**COM A FORD** — Os novos lançamentos da Ford não trouxeram grandes novidades — foi a única fá-

brica que manteve a mesma linha — e tem poucas modificações. Mas a revendedora chama seu público com um apelo inexplicável para os concorrentes que é o preço, afirmando que seus veículos estão sendo vendidos pela tabela de dois ou três meses passados. Em contrapartida, leva a credibilidade da grande maioria dos motoristas quando se fala em motor a álcool, mesmo que não tenha evoluído nos últimos dois anos enquanto que as outras estão preocupadas em transformar seus motores a álcool em mais econômicos — e já estão conseguindo com os novos carros — e mais resistentes.

**DOMÍNIO DA VOLKSWAGEN** — A Volks é que não anda muito preocupada com o comércio porque domina a sua maior fatia. Porém, já demonstrou que pretende fazer várias modificações. A saída do "Brasília", que vem sendo substituído pelo Gol, que também sofreu uma campanha negativa no início por seu motor 1.3 não atender aos anseios dos consumidores, vem agora com um novo motor (1.6) e com maior conforto e segurança além de ter também um menor consumo, ajudado pelo menor preço do veículo que já está no mercado desde o meio do ano.

No entanto, o Passat continua sendo o carro de maior aceitação na faixa considerada classe média e que dispõe de um pouco mais de dinheiro para comprar um veículo. A verdade é que o Fusca continua sendo o carro mais vendido no Brasil.

Demonstrando que também está preocupada com os utilitários, a Volkswagen do Brasil procurou fazer algumas alterações na Kombi, para melhor, como é o caso dos vidros laterais do modelo luxo que agora vêm abrindo como nos ônibus e deixando aquela maneira antiga que trazia alguns problemas no sistema de ventilação e não eram individuais como agora.

**OS DEMAIS** — Os veículos esportivos também não tiveram muitas alterações e continuam com suas fabricações praticamente sob encomenda, já que o mercado também está ficando cada vez mais limitado. Alguns já estão procurando também lançar seus veículos com os motores a álcool.

Nesse particular há um carro que vem aparecendo e crescendo continuamente: o "Selvagem". □



## IMPOSTOS

# RN é quem paga menos

Reflexo de uma dependência econômica do poder central, o Rio Grande do Norte é um dos Estados do Nordeste que menos arrecada de Imposto de Renda, segundo dados fornecidos pelo delegado regional da Receita Federal, Otacílio Cartaxo.

Incluído na 4.<sup>a</sup> Região da Receita Federal, composta por Pernambuco, Paraíba e Alagoas, o Rio Grande do Norte arrecadou de Imposto de Renda em 1981 apenas Cr\$ ..... 4.257.852.727, sendo superado inclusive pela Paraíba, que arrecadou mais de cinco bilhões de cruzeiros. Dessa região, Pernambuco foi o Estado que mais arrecadou de Imposto de Renda no ano passado, ultrapassando os 50 bilhões de cruzeiros.

**PARQUE INDUSTRIAL** — Para o delegado da Receita Federal, Otacílio Cartaxo, a pouca arrecadação do nosso Estado é reflexo da falta de indústrias e justifica o fato da Paraíba arrecadar mais do que o Rio Grande do Norte a existência de dois poderosos e operantes parques industriais. Nós agora é que estamos começando a desenvolver o nosso Distrito Industrial, com algumas empresas se instalando em Parnamirim (Eduardo Gomes) e São Gonçalo do Amarante.

Do total arrecadado pelo Brasil em 1981 com o Imposto de Renda, os Estados nordestinos ocupam um tímido lugar, justamente pela falta de concentração de indústrias pesadas. Daí o Nordeste ser uma região pobre e sempre dependente dos recursos do Governo Federal para sobreviver.

No nosso caso, por exemplo, o Rio Grande do Norte depende praticamente de tudo que os outros Estados nordestinos produzem. Assim como o País, nós somos ricos economicamente, mas faltam Governos competentes para explorar a nossa riqueza. □

# NÃO SE SABENDO ONDE IR...

CORTEZ PEREIRA

O exemplo é conhecido mas, a sua significação, justifica repetir. Refiro-me ao Japão, vencido e ajoelhado, no desespero humilhante da rendição de 14 de agosto de 1945.

Terminara a Guerra. Homens destruídos gemiam sob os escombros das fábricas, escolas, universidades, templos, toda a pátria arrasada.

Alguém havia previsto: se o Japão renascer será um país diferente.

No dezembro daquele ano as comemorações foram de dor, a dor imensa de todos os calvários.

Felto o inventário dos rendimentos nacionais não deu além de US\$ 20,00 para cada um dos sobreviventes. Decorridos 11 anos e já atingia a US\$ 300,00; mais outros 11 e alcançava os 1.000 dólares; mais 11 anos e o vencido atingia a renda do vencedor. Japão e Estados Unidos lideravam o mundo com US\$ 10.000 por habitante, como média de renda nacional.

Hoje, o destruído de 45 é a primeira potência tecnológica do mundo.

Dos seus estaleiros saem 8 de cada 10 navios lançados ao mar. Seus automóveis, motocicletas, televisões, máquinas fotográficas, relógios, magnetoscópios concorrem, triunfantemente, dentro dos próprios mercados dos tradicionais fabricantes. Na eletrônica, siderurgia, petroquímica passaram também a liderar, enquanto pesquisam novos avanços para conquista do 1.º lugar em aeronáutica, única relíquia americana da fase exuberante da sua total dominação tecnológica. Seus 350.000 pesquisadores ampliam conhecimentos, a partir dos estágios a que chegaram a inteligência e o capital aplicados pelo resto do mundo. Nos seus silêncios e discretos laboratórios são feitas experiências, no campo da engenharia genética, que poderão mudar todo o destino da humanidade.

Esta fantástica história que o povo japonês está contando ao mundo espantado, só foi possível porque ele se voltou a conhecer e explorar o universo contido nos 10 bilhões de células que integram o cérebro do homem. Se eles andassem perdidos a procura de estrelas poderiam encontrar tudo, menos a si mesmo, começo e fim "relativos" de tudo.

Como fazem com a tecnologia, nas aplicações para produzir bens, eles não descobriram nada, eles trabalharam o já descoberto. Eles compreenderam que poderiam desencadear uma reação dentro da mente, desenvolver a energia amortecida na inteligência e ter o domínio sobre uma força superior aguda "de onde o sol tira sua potência", para repetir um trecho do comunicado americano, anunciando ao mundo o arrasamento de Hiroshima.

O próprio homem, depois de tantos séculos de monólogo, compreendeu estar dentro de si mesmo, não

apenas o segredo de suas angústias e inquietações, mas a própria conquista material do mundo que, extravagantemente, ele busca tão longe.

A história já se encarregara de mostrar sinais desta verdade, tornada agora evidente.

Por que civilizações floresceram e declinaram sobre a mesma base física da natureza, depois de acumular bens que se tornariam apoio cada vez mais seguro para novos e continuados avanços?

Por que, diferentemente, há lugares em que o progresso continuou por séculos sucessivos, superando a deterioração dos recursos naturais?

Esses fatos só são explicados pela presença do homem, capaz de criar inversões às acumulações negativas.

Há algum tempo repete-se, em vários países, o trabalho de medição das influências determinantes do desenvolvimento.

Nos Estados Unidos tornaram-se famosos os estudos do pesquisador Denison que elegeu 30 anos de desenvolvimento, como o objeto de suas investigações. A conclusão a que chegou foi a de que os fatores tradicionais de produção já se mostram cansados, respondendo sempre menos aos mesmos estímulos recebidos. O trabalho e o capital não se encontram mais no vigor da juventude e contribuíram, somados, apenas com 45% para o crescimento observado na economia dos Estados Unidos, naquele período de 30 anos estudados. À educação, à qualificação melhor do homem, tornou-se responsável por 55% desse mesmo desenvolvimento.

Em vários países, tanto da área de influência dos Estados Unidos quanto da Rússia, os mesmos resultados foram encontrados, evidenciando a importância do homem sobre as coisas.

Marx já observara, que quanto mais o inundo das coisas aumenta de valor, mais o homem se desvaloriza.

Parece agora que se inicia uma fase de repensar o homem, de torná-lo objeto, alvo, meta de todo o esforço que se faz. O desenvolvimento será desencarnado dos falsos preconceitos que elegeram a riqueza morta como sua alma, para se transformar em condição, instrumento e apoio de promoção humana. Os que refletem e escrevem hoje sobre o nascer dessa nova realidade, mostram-se confiantes quanto ao acerto do novo rumo. Acreditam mesmo que estamos nos salvando da colisão que parecia fatal.

Após tanto tempo, percorrendo tão longos caminhos sem saber onde ir, descobre-se a verdade nos versos penosos do clássico inglês: "A culpa não está nas nossas estrelas, mas dentro de nós".

# EMPRESARIADO NACIONAL PRESTIGIADO

O Ministro do Trabalho, Murilo Macedo, o Governador do Estado, Lavoisier Maia, o Superintendente da Sudene, Valfrido Salmito, o Presidente da Confederação Nacional da Indústria, Mário Garnero, e presidentes de Federações de Indústrias de todo o País prestigiam a recondução, no início de outubro, do empresário Fernando Gonçalves Bezerra na presidência da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte.

Diante de empresários locais e de todo o País, além de autoridades militares, o empresário Fernando Bezerra prometeu, durante discurso que pronunciou, "assegurar à Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte o máximo de representatividade, fazendo com que os empresários nela acreditassem, tanto para seus pleitos individuais como da classe de modo a torná-la porta-voz de suas posições, de seus anseios, de seus protestos e de suas lutas".

**DIVERSIFICAÇÃO** — Num discurso considerado pelos empresários como representativo do pensamento da classe, Fernando Bezerra disse que "estamos conscientes das injustiças de uma ordem internacional que procura perpetuar o condomínio oligárquico do mundo. Com este propósito os países ricos tendem a repassar para os países pobres duas crises e dificuldades internas como têm feito até hoje".

Foi partindo das injustiças dessa ordem internacional que Fernando Bezerra elogiou o discurso proferido pelo Presidente João Batista Figueiredo na ONU, "quando se posicionou de forma corajosa, afirmativa e com irrecusável espírito de liderança, que o Brasil e os países do Terceiro Mundo, diante dessa situação internacional demonstra a inadmissibilidade de sua continuação".

Segundo Fernando, "os países ricos estão contribuindo para o esmagamento dos projetos nacionais de desenvolvimento enquanto adotam medidas para se protegerem".



Empresários e o Ministro Murilo Macedo na posse de Fernando

No seu discurso, o empresário Fernando Bezerra não deixou de analisar as crises sociais porque atravessa o País. Para ele, há necessidade de se "tomar medidas urgentes para que não haja aprofundamento nas injustiças entre as regiões e entre classes e pessoas".

**NORDESTE** — Fazendo uma análise das dificuldades sempre enfrentadas pela Região Nordeste, Fernando fez um apelo ao Governo: "O Nordeste não pode ser tratado a nível nacional com os mesmos critérios estabelecidos para outras regiões. O Nordeste já atingiu o limite de sua capacidade de sacrifício e não há como exigir mais fome, mais desemprego, mais subdesenvolvimento".

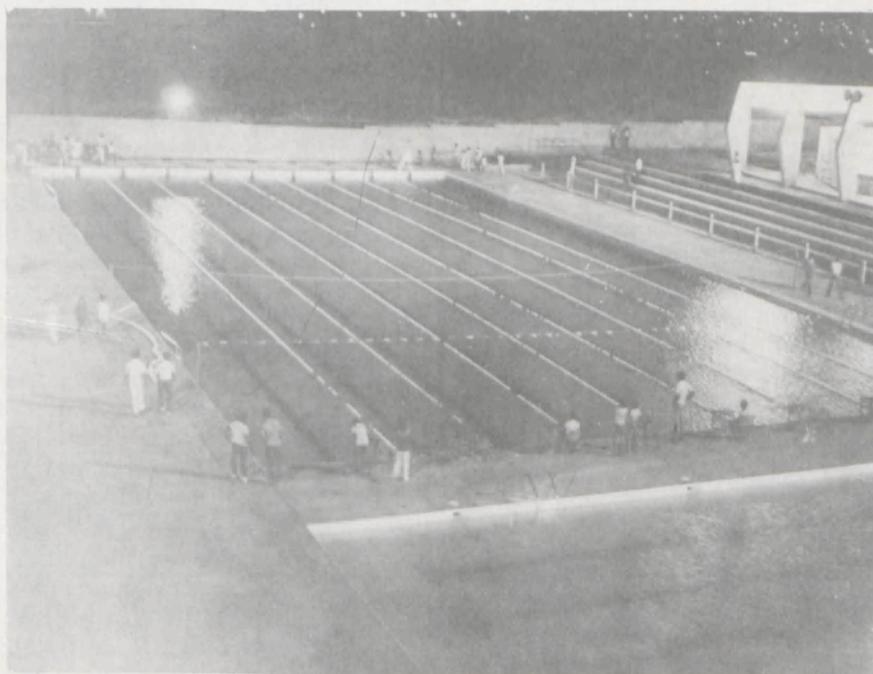
Aplaudido por todos que lotaram o auditório do Complexo Sesi/Senai, na rua Capitão-Mor Gouveia, onde se realizou a solenidade de posse, Fernando Bezerra pediu ao Governo Federal e à classe empresarial do País para interromper

"urgentemente o processo de erosão das condições de vida do povo brasileiro, não só em nome dos interesses econômicos, políticos e culturais da Nação, como em respeito à própria dignidade da pessoa humana".

Tônica principal do seu discurso de posse, o presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte defendeu um tratamento diferenciado para a Região Nordeste, pois ela "se constituiu um sistema político, econômico e socialmente diferenciado dentro do contexto nacional". Ele também defendeu a participação das camadas mais humildes da região, sendo aquelas que mais sofrem com a conjuntura da crise no debate dos problemas em torno de soluções a serem implementadas.

Num dos poucos tópicos dedicados à política, o presidente da Fiern fez uma breve análise dos sistemas políticos e disse que "a democracia é o único caminho que

# A A POSSE DE FERNANDO NA FIERN



Parque multiesportivo do Centro de Atividades Integrado SESI/SENAI, com duas piscinas (uma olímpica) e ginásio coberto para prática de todas as modalidades de jogos de quadras

*possibilita a organização da sociedade sob critérios de justiça, de liberdade e de preservação dos valores humanos”.*

**A DIRETORIA** — *Para exercer o mandato durante o triênio 1982/1985, foi eleita a seguinte diretoria: Efetivos, Fernando Luiz Gonçalves Bezerra, Abelário Vasconcelos da Rocha, João Antônio Coutinho da Motta, Marcelo Mário Porto, Francisco Ferreira Souto Filho, Antônio Ferreira de Mello Neto, Edmundo da Cunha Medeiros, Flávio José Cavalcanti de Azevêdo, Rossine Azevedo e Rosivaldo Toscano dos Santos.*

*Suplentes: José Walter de Carvalho, Sílvio Carvalho Salustino, Paulo Rodrigues Cavalcanti de Freitas, Benedito Jacinto Barros, Newton Leopoldo Câmara, Luiz Arnaud Soares Flor, Ricardo Bezerra Freire, Zaiden Heronildes da Silva, Nazareno Costa e José Mes-*



Carlos Euclides de Mattos, chefe do DAMPI, discursa na solenidade

*quita de Oliveira.*

*Para o Conselho Fiscal foram eleitos Ronald Gurgel, Orlando Gadelhas Simas, Ozório Bezerra Dantas; Suplentes: João Bosco Freire Ribeiro, Mário Alberto de Lima Reis Coutinho e José Osmar*

*Peixoto. Os delegados representantes junto à Confederação Nacional da Indústria são: Fernando Luiz Gonçalves Bezerra e Expedito Amorim; os suplentes são: Abelário Vasconcelos da Rocha e João Antônio Coutinho da Motta.*

## Está cada vez mais caro e difícil educar crianças

A cada reajuste semestral dos salários com base no Índice Nacional de Preços ao Consumidor — INPC — fica mais difícil aos pais da classe média manterem seus filhos estudando nos colégios particulares, uma vez que os custos com a educação particular também acompanham os reajustes. Tanto é verdade que os colégios já não falam mais em anuidade, mas em semestralidade.

Hoje — o último reajuste foi em setembro — um chefe da família da classe média gasta, somente com um filho matriculado em colégio particular, mais de 72 mil cruzeiros somente com a anuidade, se ele cursar a 1.ª ou a 2.ª série do 2.º grau, passando para 84 mil cruzeiros se for o pré-Vestibular. Essas despesas podem chegar aos cem mil cruzeiros com a aquisição do material escolar nas livrarias ou no próprio colégio, não incluindo aí o fardamento e o material de esporte.

**DEFASAGEM** — Para o diretor do Colégio Marista e Presidente do Sin-

dicato Patronal da rede particular, irmão Kerginaldo Correia Moreira, a mensalidade é variável, dependendo muito dos serviços prestados por cada colégio, por isso acredito que haja uma defasagem nos preços.

Eximindo-se de qualquer culpa no aumento das mensalidades, o irmão Kerginaldo diz que quem determina a majoração é o Conselho Federal de Educação, que agora acompanha os índices do INPC. Mas os pais não estão sujeitos apenas aos índices do INPC. Se o reajuste determinado pelo Conselho Federal de Educação não for suficiente para cobrir as despesas com professores, orientadores, supervisores pedagógicos e serviços auxiliares, os colégios têm a liberdade de recorrerem à defasagem, uma tabela sigilosa que permite acrescentar à mensalidade já reajustada uma porcentagem capaz de cobrir as despesas.

Madre Alves, diretora do Colégio Imaculada Conceição, diz que essa tabela não é usada abusivamente pe-



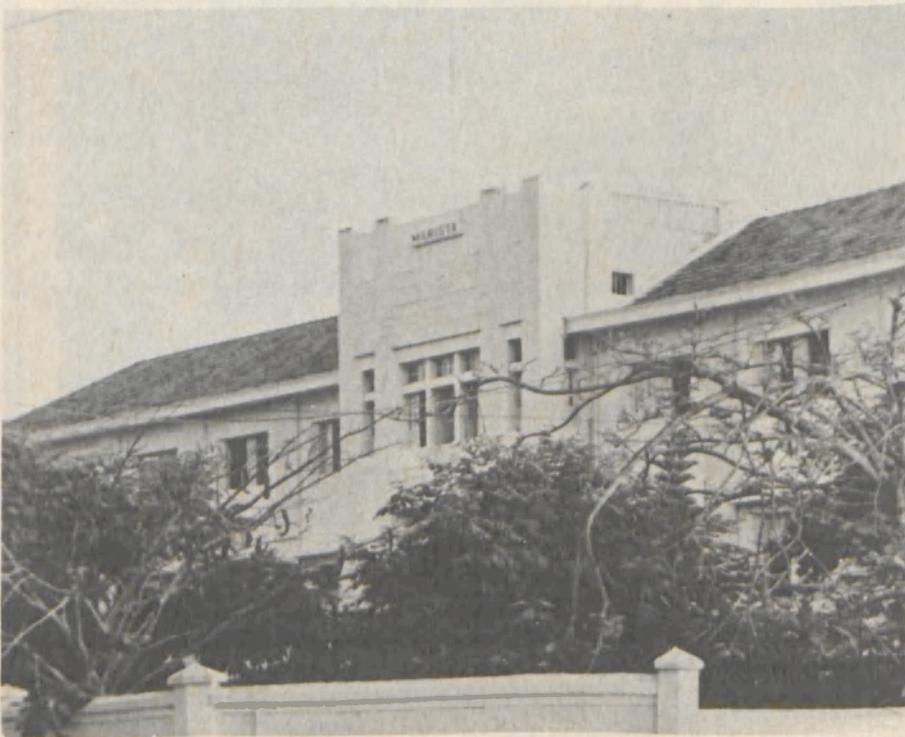
**Madre Alves: tabela normal**

los colégios, mesmo contando com o aval do Conselho Federal de Educação. Apenas são corrigidas distorções, ou defasagem, como preferem os diretores.

**CUSTOS DA EDUCAÇÃO** — Além dos gastos com mensalidade, fardamento, material didático e material esportivo, os pais quando matriculam um filho transferido de um colégio para outro, têm de pagar uma taxa de pré-matricula, que equivale a uma semana de adaptação do aluno aos métodos do novo colégio. Por enquanto, a única coisa que não se paga nos colégios particulares é a inscrição de reserva de vagas, o que poderá ser feito até o dia 31 deste mês.

De acordo com o Padre Ossine Nuvem Linard, do Colégio Salesiano, nós cobramos pela 1.ª série do 1.º grau seis mil cruzeiros mensais; pelo ginásio 6.500 cruzeiros e pelo 2.º grau, 8.482 cruzeiros, o que ele não considera um custo alto. Por incrível que pareça, é com o preliminar que os pais gastam mais, pois só a mensalidade está por 9.500 cruzeiros, totalizando no semestre 57 mil cruzeiros.

Os diretores dos colégios particulares acham que o preço cobrado pelo preliminar, por exemplo, não está al-



**No Marista mensalidade é variável**

to e justificam: "Somente para cuidar de uma classe do preliminar, com 25 alunos, nós dispomos de três pessoas, sem contar os supervisores pedagógicos, os orientadores educacionais e os professores para cuidar da parte religiosa, artística e esportiva".

Sempre receosos quando se fala em mensalidade, os diretores dos colégios procuram amenizar o impacto dos preços. No Marista, por exemplo, um aluno da 1.<sup>a</sup> à 3.<sup>a</sup> série do 1.<sup>o</sup> grau paga 5.500 cruzeiros mensais; Ginásio, da 4.<sup>a</sup> à 8.<sup>a</sup> série, a mensalidade sai por 6.420 cruzeiros; o 2.<sup>o</sup> grau sai por 9.145 cruzeiros e o pré-Vestibular, custa 10.485 cruzeiros. A tabela dos preços é quase a mesma para todos os colégios, com uma pequena variação de um para o outro, dependendo da estrutura de cada um.

**SALÁRIO DO PROFESSOR** — Discordando da afirmação de que colégio particular é para rico, a Madre Alves, Diretora do Colégio Imaculada Conceição, diz que "se engana quem pensa que somente os filhos de ricos estudam nos colégios particulares.



**Secundário é caro e problemático**

Nós temos alunos pertencentes a todos os segmentos sociais". Madre Alves tenta pôr abaixo essa pecha quando revela que "são os alunos da classe pobre que pagam rigorosamente em dia as suas mensalidades, o que não acontece com os ricos".

O Diretor do Marista, Irmão Kerginaldo, diz que Recife tem fama de vender tudo mais barato do que em Natal, mas "em compensação a mensalidade de nossos colégios particulares é inferior à do Recife, o que pro-

va que os custos com a educação não estão altos". Irmão Kerginaldo também apresenta como argumento "os inúmeros serviços que prestamos aos nossos alunos", como cursos profissionalizantes em Patologia Clínica, Desenhista de Arquitetura, Auxiliar de Administração e de Análise Clínica.

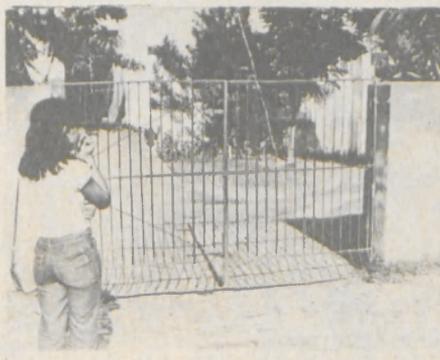
Além de afirmar que presta os mesmos serviços aos seus alunos que qualquer outro colégio particular, a Madre Alves diz que as suas despesas "são altíssimas com o pagamento dos salários dos professores". Segundo ela, um professor do pré-Vestibular, para dar quatro aulas por semana recebe mensalmente 20 mil cruzeiros e todos com vínculo empregatício. Por estas e outras razões é que os diretores são unânimes em afirmar, categoricamente, que "a educação particular não é privilégio somente dos filhos dos barões, mas também de todos os estratos sociais". Pensamento que não é comungado por grande parte dos pais, que se vêem com os carnês das mensalidades atrasados.

## OS DIFÍCEIS DEGRAUS INICIAIS

O ensino secundário e suas subdivisões em graus continuam sendo um problema crucial na jornada do estudante. E dos pais dos estudantes. As dificuldades começam desde o jardim da infância. Em Natal, num jardim de infância modesto, praticamente apenas para a criança brincar e passar o tempo com outras crianças, o pai tem de pagar Cr\$ 5 mil por mês. Nas outras fases do estudo, até chegar perto das portas do Vestibular, a situação é cheia de problemas e percalços. Nem sempre as professoras se mostram coerentes com os princípios básicos da sua profissão e, não raro, se deixam levar pela emoção, prejudicando o relacionamento com os alunos. Há casos comprovados em que ocorre a falta de trato. Nos chamados "bons colégios" a prática da venda de rifas para sorteios ou de cartões para festinhas é quase uma imposição, criando-se constrangimento para os alunos que não têm a necessária habilidade como comerciante. Há mesmo situações

radicais em que a professora, supondo estar estimulando o aluno, ameaça não deixá-lo entrar na sala de aula se não "cumprir com toda cota". São casos que RN/ECONÔMICO levantou com minúcias. E são muitos.

**SEM PREPARO** — Muitos pais reclamam também da falta de preparo de algumas professoras. Há exemplos de lições com erros que são dadas como certas e que, passando pelo crivo de pais mais experientes, apresentam erros grosseiros. Algumas professoras também se deixam levar pelo que os



pais chamam de "excessivo autoritarismo" e não buscam um diálogo mais compreensivo com os alunos aparentemente mais rebeldes. Isso cria um clima desagradável, que é explicado por alguns pais como um certo descuido em procurar motivar as crianças, fugindo um pouco do convencionalismo e da monotonia das aulas padronizadas e da insipidez generalizada do ensino no Brasil. Para este, falta também mais criatividade, mais amor e, talvez, mais identificação com a profissão, o que é visto também como o estado geral de má remuneração do magistério.

Os problemas são muitos. E todos criados pela deficiência inegável da rede oficial de ensino, que não consegue o montante de recursos necessários para aparelhar-se adequadamente e fazer frente aos novos desafios e as novas necessidades de um Estado em crescimento. É a velha questão de nível de ensino, que se agrava com a péssima situação dos prédios escolares, a insegurança.

# Os professores voltam a usar o poder de pressão

Um ano depois de ter obtido uma grande vitória junto ao Governo Federal, que atendeu à maioria de suas reivindicações, os professores das universidades brasileiras ameaçam decretar uma nova greve nacional para conseguir um reajuste salarial igual ou superior à inflação dos últimos doze meses.

Há pouco mais de um mês a diretoria da Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior — Andes — teve uma audiência com a ministra da Educação, professora Esther de Figueiredo Ferraz, quando discutiu a pauta de reivindicações da categoria, com a questão salarial sendo um dos pontos principais da pauta de negociações.

Aquí no Rio Grande do Norte, a Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte — Adurn — convocou uma reunião geral extraordinária para o próximo dia 4 de novembro, no auditório da Biblioteca Central, para fazer uma reavaliação da contra-proposta da Ministra da Educação, além de determinar uma paralisação de um dia de todas as atividades acadêmicas.

**PODER DE PRESSÃO** — Mas a greve nacional do ano passado talvez não tenha preocupado tanto o Governo Federal como a possibilidade de

uma outra em novembro, uma vez que os professores dessa vez não estão sozinhos. Contam, agora, com o apoio dos funcionários, que também reivindicam melhores salários para fazer frente a crescente inflação.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Norte os docentes estão aliando o seu poder de pressão à inquietação dos funcionários, que vêem seus salários serem reduzidos a cada mês pela inflação. O Reitor Diógenes da Cunha Lima se mostra preocupado, apesar de contar com o tácito apoio do Presidente da Associação dos Funcionários, Francisco Cavalcanti, com o novo aliado da Adurn na greve do próximo mês. As negociações entre Adurn e Afurn estão bem adiantadas e tudo leva a crer que a greve dos professores e funcionários será decretada.

**QUESTÃO SALARIAL** — Para o Presidente da Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Sebastião Carneiro, o movimento dos professores universitários não tem se caracterizado somente por questões salariais, e, sempre no final do ano. Segundo Carneiro, “o primeiro semestre deste ano foi encerrado com uma discussão pela mudança na universidade brasileira, proposta encaminhada ao Ministério da Educação e Cultura”.

O Presidente da Adurn lembra que desde que foi implantado o reajuste semestral que os professores vêm lutando por esse direito, mas o Governo



A Adurn de novo mobilizada

Federal sempre tem dito que a crise econômica porque passa o País impede qualquer negociação nesse sentido.

Sebastião Carneiro refuta a acusação de que os docentes somente se reúnem para debater questões salariais, e apresenta como argumento para tal contestação o alto grau de conscientização política da categoria. Para ele, “há pouco mais de quatro anos que os professores vêm se organizando a nível nacional e isso coincide com uma mudança qualitativa em toda a sociedade brasileira, quando a classe trabalhadora, como um todo, começa a exigir a sua participação no cenário político”.

Historiando os últimos acontecimentos no País, Sebastião Carneiro lembra que “os professores tiveram capacidade de se organizar nacionalmente e conseguiram decretar uma greve também de nível nacional. Foi a primeira categoria que conseguiu se expressar no País unindo trinta e cinco mil profissionais”. Com uma ponta de orgulho, Sebastião diz que hoje “temos uma entidade de caráter nacional construída com muita luta. Uma entidade que não tem qualquer vinculação com o Estado e que nasceu da combatividade”.

O Presidente da Adurn disse que o Governo foi obrigado a atender as reivindicações dos professores “não só pela justiça que elas tinham em si mas pela pressão recebida por parte de todas as categorias”. Daí Carneiro acreditar na greve como arma de pressão.



Reuniões combativas





## Em 17 anos a Sudene veio se reunir no RN 5 vezes

Há 17 anos a Sudene reuniu-se pela primeira vez no Rio Grande do Norte. O fato ocorreu, justamente, no dia 05 de novembro de 1965 e a solenidade foi presidida pelo então Governador do Território Federal de Fernando de Noronha, Jaime Augusto da Costa e Silva. Novamente, aquela Superintendência voltou a se reunir no Estado, dessa vez em Mossoró, no dia 29 próximo passado, no seu 268.º encontro, marcando seus 22 anos de existência. Mas, o que é mesmo a Sudene? Quantas vezes reuniu-se aqui e quando? Por que suas reuniões são nas últimas sextas-feiras de cada mês e sempre às nove horas?

O empresário norte-riograndense talvez não recorde, exatamente, as datas em que a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste — Sudene — se reuniu em nosso Estado. Foram, precisamente, cinco encontros do seu Conselho Deliberativo. O primeiro, há 05 de novembro de 1965; o segundo, a 28 de novembro de 1968; o terceiro, 22 de março de 1972; o quarto, há 30 de junho de 1978 e o quinto, agora, no dia 29 de outubro passado, em Mossoró. Desde à sua criação, excepcionalmente, três vezes, a Sudene se reuniu às 15 horas, pois seu horário habitual é às nove e uma dessas reuniões vespertinas aconteceu aqui no Estado há 30 de junho de 1978. E pela primeira vez reúne-se no Rio Grande do Norte numa cidade do interior, levando seu Conselho até Mossoró.

Quando reunido pela primeira vez no Rio Grande do Norte, o Conselho Deliberativo da Sudene teve os seus

trabalhos presididos pelo Governador de Fernando de Noronha, Jaime Augusto da Costa e Silva. Três anos após, há 28 de novembro de 1968, o ex-Governador Walfredo Gurgel esteve à frente dos trabalhos, no segundo encontro da Superintendência aqui no Estado. No dia 22 de março de 1972 foi a vez do Governador Cortez Pereira e há 30 de junho de 1978, a terceira da reunião da Sudene aqui, se realizou sob a presidência do Governador da época, Tarcísio de Vasconcelos Maia.

Um detalhe interessante a respeito das reuniões do Conselho Deliberativo da Sudene aconteceu no Rio Grande do Norte. É que nos seus 22 anos de existência, a Superintendência reúne-se, invariavelmente, às nove horas e, excepcionalmente, por três únicas vezes reuniu-se às 15 horas, sendo uma delas em Natal, no dia 30 de junho de 1978.

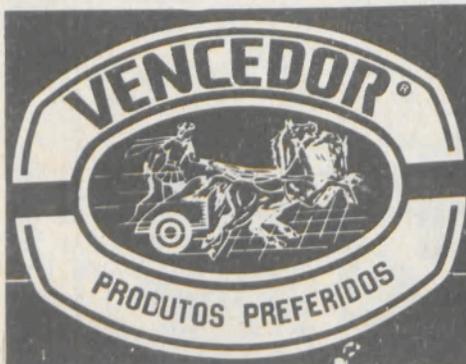
Se nos dermos ao trabalho de retroceder ao calendário, observaremos que, há muito tempo, as reuniões da Sudene são realizadas nas últimas sextas-feiras de cada mês. É praxe da Superintendência. Anteriormente, eram realizadas nas últimas quartas-feiras.

A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste é um órgão ligado ao Ministério do Interior, formado por 34 Conselheiros, dos quais 11 são Governadores de Estado. Tem representação no Rio Grande do Norte e pela quinta vez se reúne em terras potiguares, no seu 268.º encontro, ocorrido pela primeira vez no interior, em Mossoró.



Além dos 34 Conselheiros, inclusive 11 Governadores, fazem parte do Conselho todos os Ministérios civis, todos os órgãos regionais federais com atuação no Nordeste, um representante do Estado-Maior das Forças Armadas, além dos três Bancos oficiais: Brasil, Nordeste e BNDES. Essas pessoas se reúnem em qualquer cidade do Nordeste, bem como no norte de Minas, que faz parte do chamado Polígono das Secas. Por essa razão, o Governador de Minas Gerais, Francelino Pereira, é também conselheiro do órgão.

A quinta reunião da Sudene, ocorrida recentemente no Rio Grande do Norte, em Mossoró, analisou importantes projetos que objetivam o desenvolvimento do Estado, liberando, por conseguinte, bilhões de cruzeiros, sob forma de recursos do Finor. Entraram na pauta do Conselho da 268.ª reunião da Superintendência, o projeto da Maisa, o da Guararapes Têxtil, o da Telern e o da Texita. Desta feita, o Governador Lavoisier Maia presidiu a sessão e em seu pronunciamento prestou homenagem a Mossoró como pólo de desenvolvimento do Nordeste e rendeu tributo aos pioneiros do Comércio e da Indústria, que no início deste século começaram a fazer de Mossoró expressivo empório comercial e industrial.



# VENCEDOR

é café puro

Colorau Coração de Ouro Creme de Milho PL

Rua dos Paianazes, 1490 — Tels.: 223-4400/4401 — Alecrim — Natal-RN.



A construção de conjuntos consome muito tijolo

## CONSTRUÇÃO

# Apesar da crise, o preço do tijolo já disparou



A mão-de-obra é requisitada

A partir do segundo trimestre deste ano, as pessoas que precisaram comprar tijolo no Estado, principalmente do furado, enfrentaram problemas de toda ordem. O produto rareou, ou mesmo sumiu do mercado, ao mesmo tempo em que seu preço subiu do dia prá noite. Embora com menos intensidade, a situação ainda persiste até hoje. Tijolo é difícil e caro. E os ceramistas afirmam que a falta do produto passou a ocorrer após dada ordens de serviços para construção de três grandes conjuntos habitacionais em Natal. A produção está comprometida com as empresas construtoras. E, em relação ao aumento de preço, afirmam: reajustamos, progressivamente à realidade atual, já que estávamos trabalhando há muito tempo “no vermelho”.

No mês de abril, a Cohab expediu as ordens de serviço para a construção dos conjuntos residenciais Guamoré, e o Santarém. Na mesma época, o Incoop autorizou construir a terceira etapa do Conjunto Cidade Satélite, todos somando mais de 6 mil

unidades. Foi justamente dessa data em diante que começou a haver o problema de tijolo no Estado. O produto, que até então era vendido de até Cr\$ 7 mil, passou a ser comercializado, primeiramente, a Cr\$ 9.000,00, sendo o estoque, praticamente destinado às empresas de construção civil, ganhadoras das concorrências das citadas obras oficiais. E de Cr\$ 9.000,00, progressivamente, foi sofrendo novos reajustes, estando hoje sendo vendido até Cr\$ 19 mil e ainda com certa dificuldade de conseguí-lo. Os ceramistas acreditam que até o final do ano não hajam grandes alterações, em virtude de, com muita dificuldade, terem chegado ao equilíbrio, mesmo que não tenham coberto possíveis prejuízos.



PROJETO: SOLEDADE II  
 UNIDADES: 332  
 VALOR DA OBRA: 66.731.914,96

PARTICIPAÇÃO: SECRETARIA DO TRABALHO E BEM-ESTAR SOCIAL  
 COSEERN-CAERN-PREFEITURA-BANDER

CONSTRUÇÃO - PROCALCO PROJ. CALC. E CONST. L.T.C.

O início dos grandes conjuntos: começo da crise

**ESTIVEMOS NO VERMELHO** —

Quem procura explicar o problema do tijolo no Rio Grande do Norte é o empresário ceramista, Ricardo Freire, também Vice-Presidente do Sindicato da classe. Ricardo admitiu que, “na realidade, o tijolo rareou ou sumiu de uns seis meses para cá, como também seu preço vem sofrendo progressivos reajustes, mas temos explicações convincentes para isto. Primeiro, todos devem lembrar que 1981 foi um ano negro para a atividade, em virtude de não ter se construído obras de vulto nesse Estado. A Cohab e o Inocoop não expediram ordens de serviço. As Carteiras Imobiliárias, se não fecharam por completo, reduziram consideravelmente os financiamentos. Consequência: trabalhamos um ano no vermelho, quando várias empresas fecharam suas portas, e as que não faliram, tiveram que dar férias coletivas, dispensar, enfim, procurar salvar-se. Foi um ano em que todas as noventa cerâmicas do Estado tiveram seus pátios abarrotados de uma produção sem comercialização. E, agora, em 82, chegou a hora da procura. Ordens de serviço foram dadas e as Carteiras Imobiliárias abriram seus cofres. Nós não nos aproveitamos de uma oportunidade. Simplesmente aumentamos o tijolo, progressivamente, em função também dos aumentos dos nossos encargos, objetivando daí um ponto de

equilíbrio, o que graças a Deus está acontecendo”.

Falando como empresário do setor o Vice-Presidente do Sindicato dos Ceramistas, Ricardo Freire adianta que “muita gente pensa que os ceramistas estão ganhando dinheiro a rodo”, mas, conforme explica, todos os que trabalham na atividade estão reajustando seus preços à realidade.

E exemplifica: em dezembro de 81 um metro cúbico de lenha custava Cr\$ 250,00 e hoje custa Cr\$ 700,00; quem pagava Cr\$ 250 mil de energia elétrica, hoje paga quase Cr\$ 500.

Veja bem, tivemos aumentos de mais de 100%, em apenas 10 meses. Imagine esses aumentos sucessivos em que está regularmente produzindo sem comercializar? A pergunta ficou no ar.

**A PRODUÇÃO COMPROMETIDA**

— No problema do tijolo no Rio Grande do Norte, a lei da oferta e da procura mostrou que é mesmo funcional. No início, muita produção, pouca procura, preço baixo. Depois, procura acentuada e preços em ascensão.

Mas, mesmo o tijolo sendo vendido hoje a Cr\$ 18 e Cr\$ 19 mil, não é lá tão fácil se conseguir uma carrada do produto. Com exceção das empresas construtoras, quem quiser comprar tijolo tem que falar com uma certa antecedência e ainda ficar na lista de espera. A produção do tijolo no Rio Grande do Norte está comprometida com as empresas que ganharam as concorrências para construir os conjuntos habitacionais da Cohab e Inocoop. Até o final do ano, conforme declara Ricardo Freire, tijolo ainda não vai ser tão fácil, mas, em contrapartida não é prevista grandes alterações no preço, hoje de Cr\$ 19 mil. □



Nas construções, situação é outra

# I EM CADA BRASILEIRO TEM A PROTEÇÃO DA CRUZEIRO DO SUL

A Cia. de Seguros Cruzeiro do Sul inaugurou sua Sucursal RN no último dia 29, cuja solenidade contou com a participação de autoridades e empresários locais. Na oportunidade, ouvimos alguns de seus dirigentes presentes, causando-nos surpresa algumas revelações e a postura empresarial de seu Diretor-Superintendente, Warley Pimentel, jovem advogado pernambucano radicado no Sul do País.

— A Cruzeiro está sempre onde estão os seus clientes. De certa forma, chegamos a Natal com um certo atraso, pois algumas das principais empresas do Estado são nossas seguradas. Divemo, Cibrasal, Minipreço, Viação Nordeste, Nordestão, Guararapes, Seridó e centenas de outras confiam seus patrimônios à nossa proteção.

Justificando o que chamou de "certo atraso", Warley observou que "a Cruzeiro entende que seguro é serviço e como tal só pode ser prestado por pessoas. E na Cruzeiro do Sul essas pessoas têm que revelar um profundo conhecimento técnico, constantemente re-

ciclado, pois o seguro é dinâmico, seus fundamentos são continuamente aprimorados e adaptados às nuances do próprio desenvolvimento econômico". Nessas condições, a seleção do principal executivo da empresa em Natal demandou tempo.

Esse longo e minucioso trabalho de análise foi coroado de pleno êxito, encontrando a empresa aqui mesmo em Natal um profissional de expressivo know how e largamente conhecido no setor de seguros em toda a região. Trata-se de Carlos Rosas, que assumiu a função de Gerente Geral para o RGN após o estágio de adaptação à sistemática operacional da Cruzeiro e, em São Paulo.

## 1 EM CADA 120 BRASILEIROS É SEGURADO DA CRUZEIRO —

A Cruzeiro do Sul é responsável pela proteção do seguro de mais de um milhão de pessoas, e empresas em todos os Estados e principais cidades do País, desde o simples empregado de uma empresa que tem esse benefício por conta de seu empregador, até grandes complexos industriais.

Dessa longa relação, além de cerca de 600 empresas do Rio Grande do Norte, constam organizações como a Embratel, Infraero, Imperial Diesel, Basf, Cia. Siderúrgica de Tubarão, Cia. Siderúrgica Nacional, Cobal, etc.

**SEGUROS ESPECIAIS** — Operando em todos os ramos do Seguro, a Cruzeiro do Sul tem marcado expressivo desenvolvimento em modalidades que exigem maior embasamento técnico. Assim é que, surge como a principal companhia no ramo de Seguro Garantia de Obrigações Contratuais, em cuja modalidade tem como segurados todas as grandes empreiteiras e fornecedores de equipamentos de grande porte.

Com o mesmo enfoque, a Cruzeiro desponta nos Seguros de Riscos de Engenharia. Crédito à Exportação e Lucros Cessantes.

**A TÉCNICA DO SEGURO** — Ouvindo Warley Pimentel, Ademir Neves, Coordenador de Sucursais e Carlos Rosas, constatamos que a palavra técnica é citada repetidamente. Explicando tal posicionamento, Warley diz que "seguro é essencialmente técnica, embora o grande público não o veja assim. Mas, aqueles que já tiveram problemas de sinistro sabem que isso é verdade. Infelizmente só quando ocorre o sinistro é que o empresário fica sabendo se o seu seguro foi ou não realizado com a aplicação rigorosa de suas técnicas. Por isso na Cruzeiro a palavra técnica comanda todas as ações de seus funcionários, desde a análise completa dos riscos, passando pelas recomendações de medidas de prevenção até a contratação do seguro com as coberturas que efetivamente representem a total proteção do segurado".

A Cruzeiro do Sul, que completou 40 anos em 1982, está instalada em Natal a Av. Deodoro, 802.



A direção da companhia de seguros Cruzeiro do Sul marcou presença

# Fernando Bezerra entende que há remédio para crise

O Presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte, empresário Fernando Bezerra, tem acompanhado com muita atenção o desenvolvimento da situação econômica do País, através de contatos frequentes com as lideranças empresariais. Desempenhando o papel de um novo tipo de líder empresarial que amplia os horizontes das reivindicações e da atuação econômica, Fernando tem, hoje, uma visão também mais abrangente dos desdobramentos da conjuntura sócio-política. Nesta entrevista, ele destaca seu pensamento:

RN — Como o Sr. vê a atual situação econômica do País e do Rio Grande do Norte?

FB — O País vive, inegavelmente, no momento, uma grave e profunda crise econômica. Muitos estudiosos do assunto consideram-na a maior de toda a sua História. Mas não se pode deixar de atentar para o fato de que o Brasil dos anos 80 apresenta uma caracterização muito diferente daquela registrada no passado. O perfil econômico do País é outro, com novas e mais amplas dimensões, maior complexidade e mais intensa inserção no contexto internacional. E o panorama de crise é comum a todo o mundo. As crises existem e existirão sempre, localizadas ou generalizadas; mas existe, também, a capacidade do homem para enfrentá-las e superá-las.

Evidentemente, o Rio Grande do Norte não pode fugir a essa realidade, com o agravante de ser um Estado integrado à economia periférica do País, onde prevalecem todos os indicadores do subdesenvolvimento.

No entanto, acredito na coragem e capacidade do homem nordestino para vencer todas essas adversidades. Nesta luta, numa posição de vanguarda, se encontra o nosso empresariado.

RN — Como o Sr. analisa o “arrocho” previsto para o próximo ano?

FB — Não podemos trabalhar na base de simples especulações ou hipóteses. Uma análise de tal natureza só poderia ser feita em função de si-

tuações concretas. A crise econômica exige uma determinada dose de sacrifícios, mas, como já afirmei em diferentes oportunidades, certas restrições, impostas nacionalmente, são inexigíveis em nossa região e em nosso Estado, pois se, para outros, o novo “arrocho” pode significar uma redução do ritmo de crescimento, para nós significa o agravamento insuportável dos índices de pobreza.

RN — O Sr. acha que os cortes nas importações vão equilibrar a nossa balança comercial? Como ficará a indústria cujas matérias-primas principais são importadas? Os cortes poderão desacelerar a economia em 1983?

FB — Observe-se, preliminarmente, que o País está trabalhando com superávit na balança comercial — de um déficit de 3 bilhões de dólares passou-se para um superávit de mais de 1 bilhão de dólares. É propósito do Governo, segundo se tem anunciado, elevar tal superávit, ampliando as exportações e restringindo as importações. A questão do “corte” de importação só pode ser discutida à luz de elementos objetivos. Na medida em que os itens considerados não afetem o desempenho da indústria nacional, num processo de substituição interna, poderá ocorrer até um maior aceleração no desempenho da economia.

RN — Problemas de desemprego, PBI negativo e outros resultados indesejáveis poderão se fazer presentes em 1983?

FB — Tais ocorrências, de feição claramente pessimista, poderão ocorrer ou não, dependendo de uma série de fatores, muitos dos quais, infelizmente, fogem inteiramente ao controle da sociedade civil. A situação econômica é preocupante, mas a sociedade civil, nela se integrando todo o empresariado, está disposta e pronta a colaborar para que em 1983 não apresente um quadro negativo. Não creio que o pessimismo, sob qualquer forma, seja construtivo. Estamos dentro de um processo de abertura política, de democratização, e tal fato, por si só, devem emprestar uma



maior dose de esperança, confiança e otimismo.

RN — Em caso de recessão em 83, o Sr. acha que o Nordeste, mais uma vez, deverá ser o principal sacrificado? O que falta para o Nordeste receber um tratamento diferenciado do Governo?

FB — O Nordeste não tem condições de suportar uma carga maior de sacrifício. Os indicadores de subdesenvolvimento, os índices de pobreza da região, são alarmantes. Em nome dos próprios interesses nacionais é inconcebível aceitar que tal situação sofra novos agravamentos. O uso do termo “diferenciado” tem tido, geralmente, uma conotação paternalista, deixando inferir uma noção de protecionismo humilhante e descabido. O que se faz necessário é compreender o Nordeste como um sistema político, social, cultural e economicamente diferenciado dentro do contexto nacional. Em decorrência de tal raciocínio, entender da necessidade de se definir e implementar uma poli-



tica específica para a região, respeitados os interesses nacionais, mas consideradas as tipicidades regionais. Não é um problema de "tratamento", mas de política.

RN — Como o Sr. acha que a situação das taxas de juros externos e a manutenção dos preços internacionais do petróleo, poderiam trazer benefício para a economia nacional.

FB — Dando uma configuração mais favorável ao nosso balanço de pagamentos, cujo atual perfil, entre outros fatores, vem obrigando o País a manter baixas suas taxas de crescimento. E, de certa forma, está controlando a redução das taxas de juros, que fará com que o País retorne ao seu crescimento normal.

RN — Nesse novo período administrativo, junto à FIERN, quais os seus principais projetos?

FB — Tenho grandes projetos para esta administração que se inicia e um dos principais, sem dúvida, será a criação de um Conselho Político Econômico e Social, composto das prin-

cipais empresas da indústria, do comércio, lideranças da agricultura, políticos, Governo e entidades de classes. Esse Conselho se reunirá periodicamente, sob a liderança da FIERN, para, num esforço conjunto debater e trazer soluções para os problemas econômicos do Rio Grande do Norte. Ainda na minha nova administração vou continuar motivando o empresário, fortalecendo a Federação e também estimulando a criação de novos sindicatos. A Casa da Indústria do Rio Grande do Norte também será construída, com sete andares, onde ficarão todos os departamentos da Federação e ainda as administrações do SESI e SENAI. No prédio do antigo Hotel Bela Vista, na Junqueira Aires, conservando a arquitetura, iremos fazer uma Casa da Cultura do Trabalhador, estimulando os artistas. Em conjunto com o SENAI, vamos ampliar o treinamento de mão-de-obra em todo o Estado.

RN — Como o Sr. vê anunciada a possibilidade da unificação do salário mínimo e a suspensão dos reajustes semestrais?

FB — Vejo que o Governo está caminhando para a unificação do salário mínimo. Concordo com a forma que esta unificação está sendo feita, paulatinamente e estudada. Discordo porém, da suspensão da atual forma de reajuste semestral dos salários. Sou amplamente favorável ao reajuste semestral e, especialmente, ao índice de produtividade. □

## CONFIAR NA SORTE É PERIGOSO

Seu barco é bom, eficiente, mas um dia pode entrar em pane e lhe deixar em apuros, no meio da água. Por isso é bom — e a Capitania dos Portos exige — que você navegue com equipamentos de salvatagem. Leve consigo balsas, coletes salva-vidas, rações de abandono e pirotécnicos. Se o barco falhar, você aciona o equipamento, garantindo assim sua sobrevivência. E esses equipamentos são vendidos com exclusividade pela Opel, situada à rua Sampaio Correia, 4000. Ligue para 223-2400 e peça informações.

Todos esses equipamentos aprovados pela ABNT, Min. Trab. e Capitania dos Portos.  
Rua Sampaio Correia, 4000 — Bom Pastor - tels.: 223-2400-3557 — Natal-RN.

 **OPEL MÁXIMO EM PROTEÇÃO**



## DUAS EXPOSIÇÕES

— Duas exposições interessantes marcam este mês. A primeira, no Tirraguso, do pintor Gilson Nascimento. Sua estréia, em 1972, foi auspiciosa. Gilson apareceu com um trabalho de impacto visual e explosivo grafismo. Na presente mostra, Gilson apresentou trabalhos feitos às pressas, prejudicados pela heterogeneidade de propostas mal resolvidas. Os anos decorridos entre a primeira e a última mostra do pintor, separadas por dez anos, nos quais Gilson se dedicou principalmente ao desenho publicitário, mostram que, por um lado, a técnica foi aperfeiçoada. Mas, por outro, a pressa e o descuido prejudicaram a expressão da idéia. E, diante de um artista que joga com a idéia, através da qual reforça o seu projeto estético, é muito grave. Imperdoável, até. Salva-se nesta exposição a crítica, irreverente e feroz, à sociedade de consumo, que é a sociedade de nossos dias.

Por sua vez, Diniz Grilo expõe na sala de exposições da Biblioteca Câmara Cascudo um lote



de quinze pinturas, inspiradas nos contos do novo livro de Edna Duarte, Serpentário. É a sua primeira individual, mas o artista não é, absolu-

tamente, um estreante. Nestes últimos dez anos Diniz Grilo tem evoluído sempre, forjando uma linguagem já característica, embora prejudica-

da, mesmo em seus melhores trabalhos, por um certo convencionalismo estético. Diniz Grilo não ousa senão timidamente, apalpando o terreno, experimentando. Filiado ao surrealismo, recria, obsessivamente, a metáfora do universo, um universo amplo e ambíguo, palco de um eterno duelo entre as forças do Bem e do Mal. E abre perspectivas para uma discussão sobre a gênese de sua linguagem plástica.

**EDILBERTO VOLTA A NATAL** — O Conselho Estadual de Cultura sai do anonimato e promove, na Academia Nortriograndense de Letras, em colaboração com a Pró-Reitoria de Extensão, o curso **A criação "em abismo" no romance brasileiro**, constando de cinco aulas-conferências sob a responsabilidade do conhecido escritor Edilberto Coutinho, um paraibano que, em 1980, conquistou para o Brasil o Prêmio da Casa de las Américas, com o livro **Maracanã, Adeus**, já em terceira edição.

O curso, original, aborda um tema complexo: o fenômeno dos livros dentro dos livros, que serviu também de temática à elaboração da tese de doutoramento, defendida por Edilberto Coutinho na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Durante sua estada em Natal, Edilberto Coutinho mostrou-se impressionado com o movimento cultural, que ele acompanha com interesse sempre crescente.

— É grande a projeção do Rio Grande do Norte no cenário nacional, não

somente através de figuras consagradas como Luís da Câmara Cascudo, mas também de artistas e escritores de gerações mais próximas. Agora mesmo acabo de ler o curioso livro de Heloísa Maranhão, **Florinda**, que bem retrata o ambiente cultural do Estado. Também li recentemente **A Biblioteca e Seus Habitantes**, de Américo de Oliveira Costa, em nova edição. Natal parece ser, sobretudo, um solo propício aos poetas, conforme podemos comprovar através da produção de Luiz Carlos Guimarães, Franklin Jorge, Ney Leandro de Castro, Diógenes da Cunha Lima, Zila Mamede (embora paraibana há muito radicada no Rio Grande do Norte), e Sanderson Negreiros. Entre os mais jovens, ainda inéditos em livros, destaco um Vicente Vitoriano, poeta e pintor, Francisco de Assis Varela Cavalcante, Paulo Augusto da Silva e outros. Vê-se que há uma grande efervescência criativa por aqui. Na crítica literária não deve ser esquecido um talento que desponta, Honório de Medeiros. Claro que numa lista como esta, feita sem consulta, muitas serão as omissões involuntárias. Mas os nomes citados já são significativos e podem, sem dúvida, situar muito bem a presença deste Estado no quadro cultural brasileiro.

Edilberto chama a atenção para o trabalho que o professor Pedro Simões vem desenvolvendo no Pró-Reitoria de Educação. E lamenta que o seu projeto de valorização da medicina popular



não tenha ainda encontrado a repercussão que merece no resto do País.

**ANTECEDENTES CRIMINAIS** — De Manoel Fernandes (Volontê), 40 páginas. Edições Clima, vol. 19. O autor, também crítico de cinema, pertence à chamada Geração Mimeógrafo. Sua poesia de cunho lírico, resvala frequentemente no panfletário. Volontê manifesta suas preocupações sociais sem nenhuma sutileza. Sua poesia é a sua bandeira. A bandeira de uma luta armada contra as injustiças, a repressão, a miséria e a violência.

A linguagem, desordenada, revela um poeta ainda à procura de um

sotaque pessoal. Os desníveis são demasiadamente evidentes e quase nos levam a crer que os textos foram escritos sob o influxo de estados de espírito diversos.

**A FESTA DO REI** — De Racine Santos, 45 páginas. Capa de Alcides Sales. Prefácio de Franco Maria Jasiello. Edição da FJA. Se o Rio Grande do Norte não tivesse um autor como Racine Santos, não teria o privilégio de arrolar no inventário da inteligência a presença marcante de um dos melhores autores do teatro brasileiro, especialmente daquele teatro voltado para a pesquisa de uma lin-

guagem genuinamente nacional.

Racine Santos coloca diante dos nossos olhos um teatro vivo e dinâmico, irreverente e criativo, dentro de uma linha que remonta aos autos quinhentistas com o seu pitoresco, sua malícia e uma evidente proposta moral.

A Festa do Rei sai agora em livro pela Fundação José Augusto, após uma longa e vitoriosa existência de apresentações por todo o interior do Estado, em diferentes montagens. Racine Santos é também poeta e publicou, anteriormente, um delicioso livro de crônicas, **Para Mau Bebedor Meia Garrafa Basta**. Tem sete peças inéditas.

**SERPENTÁRIO** — De Edna Duarte. Capa de Vicente Vitoriano. Apresentação de Franklin Jorge. Edição particular. O título deste livro é por si mesmo elucidativo de uma visão pessoal da vida e de seus múltiplos conflitos que extrapolam as mais rígidas convenções sociais. Percebe-se neste livro uma colocação muito crítica da vida: em especial, da vida da mulher, inserida em um mundo de negativas humilhantes, de imposições mesquinhas, de sexo reprimido e desejos calados.

**PROJETO MEMÓRIA** — O Projeto Memória, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, editou em outubro mais três LPs.

**FRANKLIN JORGE**

# Mossoró não se livra do pesadelo da falta d'água

E Mossoró continua sofrendo com a falta d'água, um problema que se arrasta através dos anos e não consegue sensibilizar os governantes. Principal cidade do interior do Estado, com quase 150 mil habitantes, Mossoró não tem água bastante para abastecer toda a sua população. E há bairros, como é o caso da Lagoa do Mato, que sequer conhecem os serviços da Caern. Nem mesmo os des-serviços.

O problema é grave, muito grave, e quase toda a semana merece a primeira página do principal jornal da cidade — o "O Mossoroense". A Caern, no entanto, parece não se preocupar muito (e nem pouco) com as dezenas de reclamações que todos os dias são feitas pela população. A empresa chega até a proibir os seus funcionários de fornecer quaisquer

informações, mesmo explicações, e nega-se a comentar o assunto. Limita-se apenas a dizer, de vez em quando, que "estamos trabalhando no caso". E só. Só e só.

**PROMESSAS ANTIGAS** — Se promessas valessem, há muitos anos Mossoró não teria mais problema de falta d'água. Porque desde o Governo Cortez Pereira as soluções vêm sendo anunciadas, dia após dia e noite após noite. Tarcísio Maia, por exemplo, o sucessor de Cortez, logo que assumiu o Governo do Estado chamou a imprensa mossoroense e prometeu solenemente, a voz embargada, que na sua administração Mossoró deixaria de se preocupar com o problema d'água. Ele perfuraria poços — garantiu — e acabaria de uma vez por todas com a sede dos mossoroenses.

Isso não aconteceu, é claro e evidente. E no Governo de Lavoisier Maia Sobrinho, seu primo e compadre, a angústia dos mossoroenses tem perdurado. O governador já prometeu, já garantiu, até já jurou que iria acabar com a falta d'água na cidade, antes de terminar a sua administração. Mas até agora, já no finzinho do seu Governo, as notícias que se tem não são nada animadoras. Muito pelo contrário.

**PROBLEMA GERAL** — A falta d'água não atinge apenas um, dois, três ou quatro bairros. Atinge a cidade inteira, de cabo a rabo, fio a pavio. É um problema geral, que preocupa e perturba todos os mossoroenses. Em alguns bairros é menos grave, diga-se a verdade, a água só deixando as torneiras de mês em mês. Em outros, porém, o problema chega a ser drástico. É o caso da Nova Bethânea, o bairro "chique" da cidade, povoado de grandiosas mansões. Não há água, simplesmente. E os moradores, já desiludidos, até deixaram de pagar as contas mensais à Caern e permitiram que os canos colocados pela empresa fossem retirados. Eles mesmos tratam do abas-



Água é quase uma miragem para Mossoró e seus habitantes

tecimento d'água de suas casas, comprando o "precioso líquido" a caminhões-pipa do DER, do DNER, até mesmo da Sudene.

A mesma sorte, no entanto, outros moradores não têm. Mesmo porque não moram em mansões e só vão à Nova Bethânea quando há jogo no Nogueirão. Residentes em bairros menos favorecidos (???) e sem dinheiro para recorrer aos caminhões-pipas, são obrigados a se virar de uma maneira ou de outra para ter a água indispensável. E acabam gastando o que não podem, junto aos carroceiros que comercializam água potável a preços absurdos.

Nos conjuntos residenciais a coisa é ainda pior. Construídos quase sempre sem nenhum planejamento, os conjuntos não possuem caixas d'água suficientemente grandes para abastecer todos os moradores. E o resultado, então, é dramático. Em uma semana a água vai para algumas casas, em outra para nenhuma. Uma coisa. Um problema tão grave, mas tão grave, que no Conjunto Habitacional Abolição III até um jornalzinho já foi criado pela comunidade e em todas as suas edições dedica o espaço inteiro para pedir providências à Caern.

**"SIGLA MALDITA"** — A Caern, porém, não se mexe. Sequer se sensibiliza com o problema. Já ganhou o



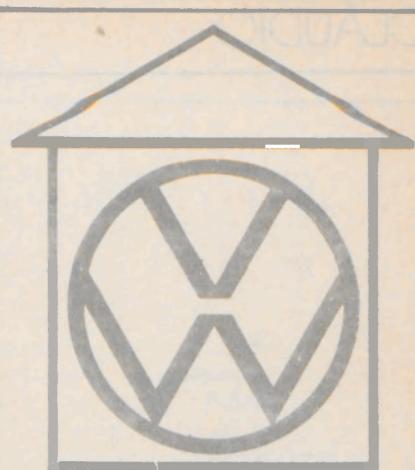
**Na torneira: difícil**

apelido de "sigla maldita", criado pelo jornalista e comerciante Rafael Negreiros, mas mesmo assim continua impassível.

E o que é pior, muito pior, é que a empresa chega a cobrar pela água que não fornece. A cobrar caro, muito caro. Há poucas semanas o morador de uma pequena casa, dois quartos, sala e cozinha, onde a falta d'água é uma constante, recebeu a conta mensal da Caern. Superior a 2 mil cruzeiros! Pagou? Não pagou, é claro. E teve o fornecimento da água que não recebia cortado... (Luís Fausto M. F de Andrade).

Você comprou forropacote, divisória divilux, piso paviflex, esquadria de alumínio, box p/banheiro e não consultou a Única Metal, você PERDEU DINHEIRO.

**Única Metal**  
fones: 222-0200 - 222-7957  
Org. FERNANDO BEZERRIL



## CASA DO VOLKS

Problemas do seu carro deixam de existir, quando você faz uma boa opção, e, essa é a Casa do Volks.

Dispondo de um excelente estoque de peças, tintas automotivas, acessórios, escapamento e volantes esportivas; capas para bancos e sistema de som completo. Todos com instalação grátis, além de um amplo estacionamento. Sem compromisso, faça-nos uma visita.



**Gurgel & Oliveira**  
Comércio e Representações Ltda.

Av. Prudente de Moraes, 1804  
Tel.: 223-2488



É QUANDO A VEZ DOS PEQUENOS



# A VEZ DOS PEQUENOS

ROSEMILTON SILVA

É a hora e a vez dos pequenos? Parece que sim. A crescente organização e esmero dos dirigentes dos considerados times pequenos da Primeira Divisão vêm dando um novo ânimo aos seus jogadores que deixaram de ser os fazedores de saldos de gois das chamadas grandes. É bem verdade que ainda não existe uma estrutura firmada e em condições de oferecer um crescimento técnico de seus jogadores. Mas não se pode esconder que houve um progresso acentuado no Riachuelo que vem aproveitando bem alguns jogadores com o auxílio da Base Naval que outrora também assumia o comando das responsabilidades da equipe mandando buscar marinheiros que sabiam rolar a branquinha. A que se deve essa ascensão? É um fenômeno dos mais interessantes que dois grandes não souberam aproveitar — mesmo que tenham tido nas mãos o quádruplo ou quántuplo em dinheiro — em benefício dos seus clubes.

O Riachuelo, que recebeu uma quantia boa por fazer seu bingó, iniciou um ciclo que tem por obrigação, enfim, dar uma nova dinâmica ao futebol potiguar. Ora, há muito todos nós sabemos que nossas equipes são de baixo nível técnico. Basta apenas verificar as últimas apresentações no Campeonato Nacional. E com a entrada do RAC e Atlético, crescendo e se impondo quando derrotaram equipes como ABC e Alecrim e chegando à final do segundo turno, o time azulino abriu espaço para que os chamados grandes se preocupem em melhorar as condições futebolísticas de suas equipes para não sofrerem a “vergonha” de serem derrotadas pelo Riachuelo.

Por outro lado, verifica-se que entre os jogadores de Atlético e Riachuelo há um grande amor à camisa e o respeito pela profissão que eles escolheram sem o mercenarismo viciado de alguns jogadores, reforçado por alguns dirigentes. Todos nós sabemos que o respeito e a responsabilidade associados ao bom caráter dos dirigentes que procuram se impor de maneira clássica na base do “vamos fazer assim e coisa e tal” tem uma forte influência sobre os jogadores. O bom tratamento, as condições oferecidas na própria concentração, a exemplo do que vem acontecendo na Base Naval com o time azulino recebendo todo apoio daquele comando, tem se transformado numa arma poderosa e por isso mesmo é que a equipe chegou onde está.

Já o Atlético é bem mais modesto mas conseguiu também se impor tendo em seus domínios a garra e a vontade de ex-jogadores de ABC e América, garotos novos que possuíam futuro e não foram aproveitados em detrimento de contratações idiotas e enganosas, procurando mostrar a seus clubes que reúnem condições de serem titulares nas suas equipes de origem. Só que aqui não se dá valor à prata da casa, porque acredita-se que jogador de “nome” é que leva a torcida a campo, quando todos sabem que vitórias é que são responsáveis pelo crescimento da presença de público no estádio.

Isso não é verdade? Tanto o é que a “Senta Ripa”

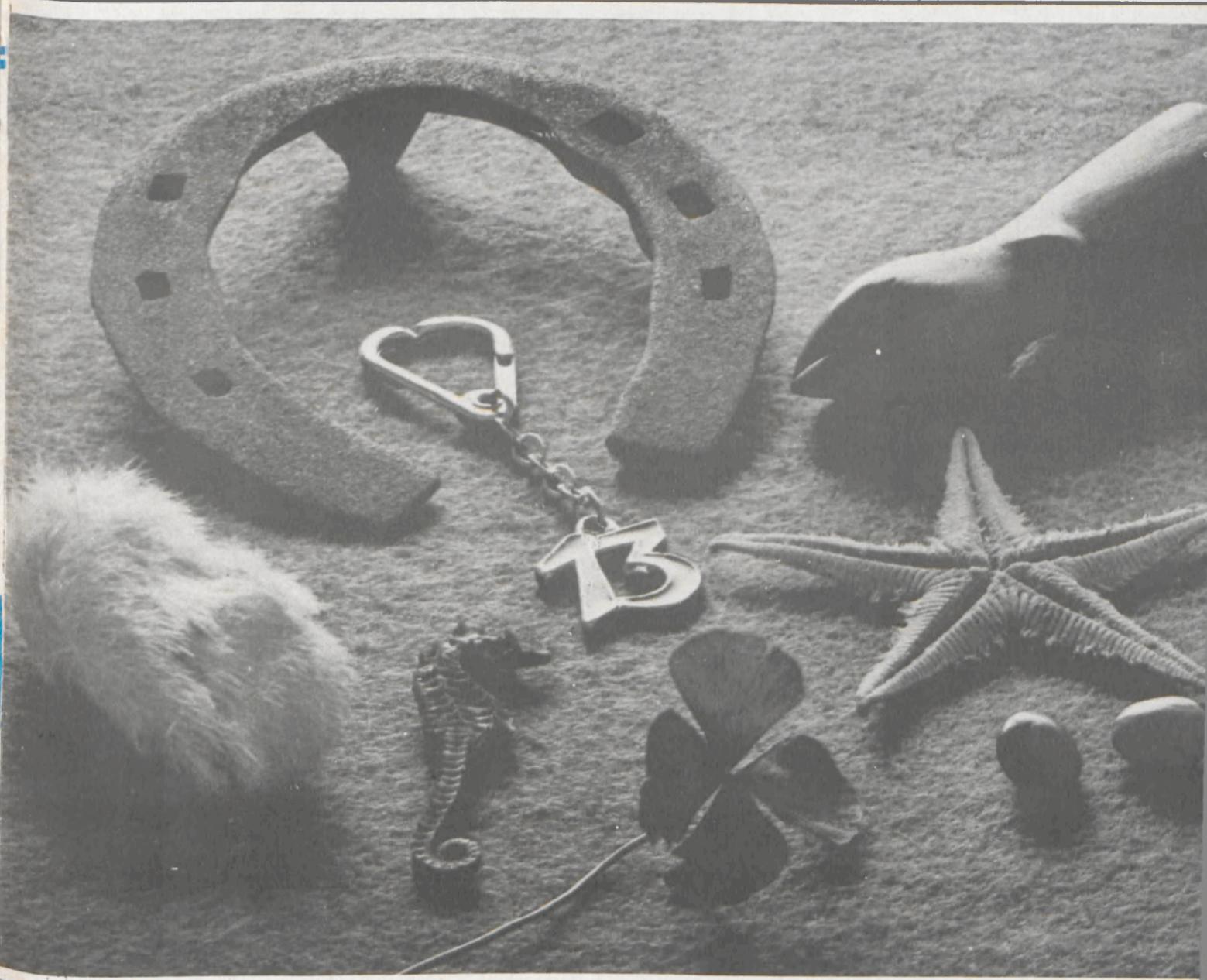
ressurgiu, está aí com força total apoiando sua equipe. Sabe-se que é um número pequeno para um estádio como o Castelão. Mas voltou firme e forte e já conseguiu até levar quatro bandeiras, bonitas por sinal, e um número maior que duzentas pessoas. Deve ter alguém dando gargalhadas disso aí de cima. Mas é muito em comparação com a torcida do ABC, que ocupa 70 por cento do Castelão, o que equivale dizer em número mais de 35 mil pessoas em seus jogos e, agora, não consegue ultrapassar o limite de 10 a 15 mil pessoas em um clássico, quando há um trabalho profundo da imprensa. Os números são praticamente relativos em proporção de um para o outro.

Não há mistério na subida dos chamados pequenos. É evidente que houve uma queda nos grandes. Mas vale salientar que a maneira como vêm sendo tratados os negócios, a relação entre jogadores/dirigentes deu uma impulsão no time. Exemplo patente de como isso funciona está retratado no time alvinegro onde sua diretoria não se entende com o plantel, abrindo espaço para um clima desfavorável. Nos pequenos, todo esforço é feito no sentido de que o jogador se sinta à vontade. A premiação deixou de ser apenas uma laranja e o “muito obrigado”, passando para prêmios que antes não eram nem salários; há até concentração do mais alto gabarito, certamente melhor que as dos outros clubes; tem até departamento médico de alta qualidade; e vai por aí.

Ora, o RAC dá uma lição em todos os outros e parece que ninguém está querendo aproveitar essa lição. De um lado, o América com a euforia das suas partidas invictas acreditando num título inédito — o tetra-campeonato, deixando seus dirigentes radiantes e sem se preocuparem com o futuro; de outro, o ABC que não consegue se encontrar em campo por deficiências e desacertos de uma direção sem a menor condição de conduzir a contento um clube. Aliás, um time. Se o Rio Grande do Norte ganhou um Riachuelo, que outrora não conseguia marcar um ponto nos turnos, perde um alvinegro de garra, de mil estripulias, de fibra, passando tão somente a ser um time inexpressivo. Pois bem, ninguém preocupado em tomar como base a lição do azulino naval.

A verdade é que todos nós ganhamos e perdemos. No entanto, ganhamos mais que perdemos com a ascensão do RAC, principalmente, porque deu um novo conceito e uma nova subida ao nosso esporte profissional. Não se pode negar que há uma ponta de ciúme dos chamados grandes e que tudo farão para derrubar os pequenos. O menosprezo dado por ABC e América e Alecrim ao Riachuelo está sendo respondido dentro de campo, onde este último consegue vitórias importantes, retirando o pão da boca na hora da onça beber água. E fica o inacreditável para alguns e o real para outros. Só que essa realidade ainda não foi vista pelos grandes. Mas tenho certeza que o pessoal vai acordar e quando isso acontecer quem sairá ganhando será o nosso futebol que anda por baixo, em termos nacionais.

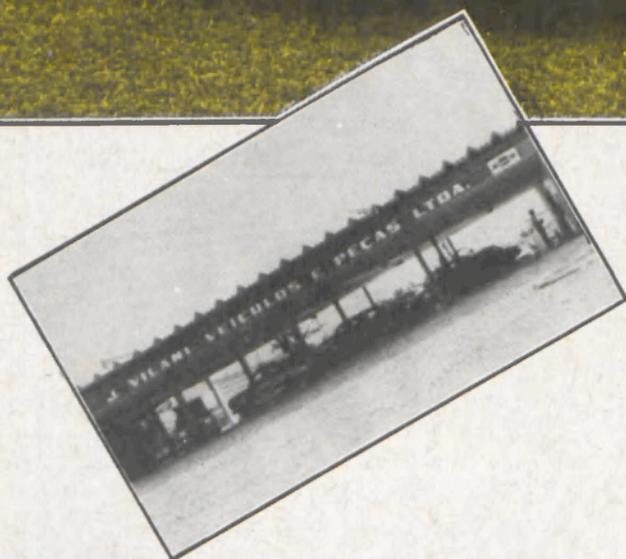
# A SORTE AJUDOU MUITO, MAS NÃO FOI TUDO PARA QUE RN-ECONÔMICO CHEGASSE AO 13º ANO



Em dezembro, com muita vitalidade, graças a Deus, graças à sorte, graças ao apoio, ao estímulo e à compreensão de todo o Rio Grande do Norte.

**RN/ECONÔMICO**  
Rua São Tomé, 421 — Tel.: 222-4722  
RN/ECONÔMICO Revista e Gráfica

# O CONCESSIONÁRIO CHEVROLET DE MOSSORÓ MUDOU, E MUDOU PRÁ MELHOR, SUAS VENDAS AUMENTARAM EM 200%



*E vão aumentar muito mais porque Chevrolet é GM, e Vilani "sabe das coisas", em matéria de vendas de veículos, planos, prazos e preços prá botar você num carro ou utilitário da linha Chevrolet. A chegada de Vilani Veículos e Peças Ltda. a Mossoró, adquirindo a mais nova concessionária General Motors da Capital do Oeste revolucionou o mercado de carros na região. Tudo foi renovado. Todos os Departamentos funcionam a pleno desempenho, desde a área de recepção e exposição, serviços de oficina autorizados da fábrica, e venda de peças genuínas. Tem financiamento próprio, com todas as facilidades e sem perda de tempo. Vilani Veículos e Peças, em apenas noventa dias de instalado em Mossoró aumentou suas vendas em torno de 200% e "botou muito mossaoroense num carro novo", graças à sua moderna técnica de vendas e "aquele jeitinho" que eles sabem fazer prá resolver problemas. Mas, o que contribui no sucesso das vendas de Vilani é que Chevrolet é GM e GM é uma marca bastante aceita pelo mossaoroense.*



AV. PRES. DUTRA TELS: 321-3680/3681/3650/4553/2388